



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

STHEVSON LOURRAN DE MELO SANTOS

**NAS *ONDAS DO CONCRETO*: UMA ETNOGRAFIA MULTIESPÉCIES
DESENHADA DO DIQUE DE CABEDELO - PB**

**JOÃO PESSOA - PB
2024**

STHEVSON LOURRAN DE MELO SANTOS

**NAS *ONDAS DO CONCRETO*: UMA ETNOGRAFIA MULTIESPÉCIES
DESENHADA DO DIQUE DE CABEDELO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora. Dra. Aina Guimarães Azevedo

JOÃO PESSOA - PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237o Santos, Stevson Lourran de Melo.

Nas ondas do concreto : uma etnografia multiespécies
desenhada do Dique de Cabedelo / Stevson Lourran de
Melo Santos. - João Pessoa, 2024.

66 f. : il.

Orientadora : Aina Guimarães Azevedo.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Etnografia multiespécies. 2. Antropologia Visual.
3. Desenho. 4. Cabedelo. 5. Pesca. I. Azevedo, Aina
Guimarães. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 39

STHEVSON LOURRAN DE MELO SANTOS

**NAS ONDAS DO CONCRETO: UMA ETNOGRAFIA MULTIESPÉCIES
DESENHADA DO DIQUE DE CABEDELO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências
Sociais da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito à obtenção do título de Licenciado
em Ciências Sociais

Aprovado em: 28/10/2024

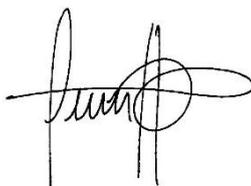
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Aina Guimarães Azevedo – DCS/UFPB
(Orientadora)



Prof^o. Dr. Lucas Coêlho Pereira – DCS/UFPB
(Examinador interno)



Prof^o. Dr. Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias – DAN/UFSC
(Examinador externo)

Dedico este trabalho à minha tia, Maria Garcia (*in memoriam*). Não teria chegado até aqui sem o apoio, o amor, o cuidado e o incentivo que sempre recebi da senhora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Lucy Suênia, ao meu pai, Luiz Viturino, à minha irmã, Sthefanny, à minha avó, Lúcia, à minha madrinha, Milene, e ao meu cachorro, Brimo, por todo o incentivo, carinho (lambidas do Brimo) e por estarem sempre presentes durante essa jornada. Também quero expressar minha gratidão àqueles que já se foram, mas que, em vida, me cercaram de amor e carinho: minha Tia Maria e meu Avô De Assis. Saudades eternas.

Ao meu companheiro, meu amor e parceiro de vida, Gabriel Cavalcante, sou imensamente grato por todo o amor, carinho, parceria, presença e silêncio, quando necessário, que foram fundamentais para a construção deste trabalho, de tantos outros, e também de nós mesmos. Que nossos guias continuem nos abrindo caminhos tranquilos e que sigamos juntos nessa caminhada, banhados em amor, música, fins de tarde e vinhos.

À minha orientadora, Aina Azevedo, pela parceria, pelos conselhos e pelas conversas, que me levaram a seguir o caminho da antropologia desenhada e me abriram os olhos para as relações multiespécies. Sou muito grato pelo seu incentivo.

Aos meus amigos que trilharam este caminho, entre risadas, lágrimas, conversas, fofocas, cervejas e muito amor. Meu agradecimento especial vai para Laura Marques, Gabriela Novaes, Maria Teresa, Nayara Leite, Mylenna Marques, Mikaella Macêdo e Beatriz Frederico e tantos outros que cruzaram meu caminho dentro da universidade e também fora e, de alguma forma, contribuíram para essa jornada.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, agradeço pelas trocas e conhecimentos que construímos juntos.

Aos meus interlocutores, agradeço pelas conversas que tivemos e pela oportunidade de construir esta pesquisa com seus ensinamentos.

Aos meus guias, pela presença, pelas conversas, pelo amor e por cuidarem de mim em todos os momentos da vida, mostrando sempre os melhores caminhos para seguir com sabedoria. Axé!

E, finalmente, a mim mesmo, pela coragem e força para continuar trilhando esse caminho.

Now I'm just go sit at the dock of the bay
Watching the tide roll away, ooh
Sittin' on the dock of the bay
Wasting time

Otis Redding
(Sittin' On) The Dock of the Bay

I like drawing, and in a strange way
that I do not understand
it settles me into my surroundings
even though the act of drawing
can be unsettling.

Michael Taussig
I Swear I Saw This

RESUMO

Este trabalho é uma etnografia multiespécies (Kirksey e Helmreich, 2020) das relações entre humanos e não humanos no Dique de Cabedelo, na Praia do Miramar, em Cabedelo, Paraíba. A pesquisa dedica-se às relações entre os seres que transitam/habitam o Dique de Cabedelo, como: animais, plantas, pescadores, turistas, moradores e vendedores. Nesta paisagem multiespécies, procuro entender como as reformas recorrentes para a requalificação da orla impactam essas socialidades mais que humanas (Tsing, 2019). Para tanto, utilizo o desenho como ferramenta descritiva-etnográfica de investigação, desenvolvimento e apresentação das análises do trabalho de campo. Analiticamente, desenvolvo o termo *ondas do concreto* para pensar as recentes propostas de obras nas praias do litoral paraibano, que acentuam a divisão entre o humano e a natureza, e entre humanos e não humanos, em contatos com infraestruturas humanas (Tsing, 2021). E procuro também desenvolver a ideia de *Triade do Antropoceno* que contempla as dimensões antropológicas, políticas e ecológicas para analisar para analisar como as relações humanas, as práticas culturais e os modos de vida locais interagem com a paisagem do Dique.

Palavras-Chave: Etnografia multiespécies; Antropologia Visual; Desenho; Cabedelo; Pesca.

ABSTRACT

This work is a multispecies ethnography (Kirksey and Helmreich, 2020) of the relationships between humans and non-humans at the Dique de Cabedelo, on Miramar Beach, in Cabedelo, Paraíba. The research is dedicated to the relationships between the beings that pass through/inhabit the Dique de Cabedelo, such as: animals, plants, fishermen, tourists, residents and vendors. In this multispecies landscape, I try to understand how the recurring renovations for the requalification of the waterfront impact these more than human socialities (Tsing, 2019). To this end, I use drawing as a descriptive-ethnographic tool for researching, developing and presenting the analysis of the fieldwork. Analytically speaking, I develop the term *waves of concrete* to think about the recent proposals for construction works on the beaches of the Paraíba coast, which emphasize the division between humans and nature, and between humans and non-humans, in contact with human infrastructures (Tsing, 2021). I also try to develop the idea of the *Triad of the Anthropocene*, which includes the anthropological, political and ecological dimensions in order to analyze how human relations, cultural practices and local ways of life interact with the landscape of the Dique.

Keywords: Multispecies ethnography; Visual Anthropology; Drawing; Cabedelo; Fishing.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Mapa parcial do Dique de Cabedelo.....	11
Figura 2 - Navegando no campo.....	14
Figura 3 - Homem pescando no farol do Dique de Cabedelo.....	17
Figura 4 - Fotografia da infância.....	23
Figura 5 - Peixes.....	26
Figura 6 - Um toque (in)ofensivo.....	28
Figura 7 - Colaboração.....	30
Figura 8 - Redemoinho.....	37
Figura 9 - Equipe Cipoada.....	38
Figura 10 - Cenários Ponta de Matos.....	46
Figura 11 - Cenários Santa Catarina e Dique.....	47
Figura 12 - Placas de aviso.....	48
Figura 13 - Placa “Preserve”.....	49
Figura 14 - Tríade do Antropoceno.....	52
Figura 15 - Mosquitos companheiros.....	62

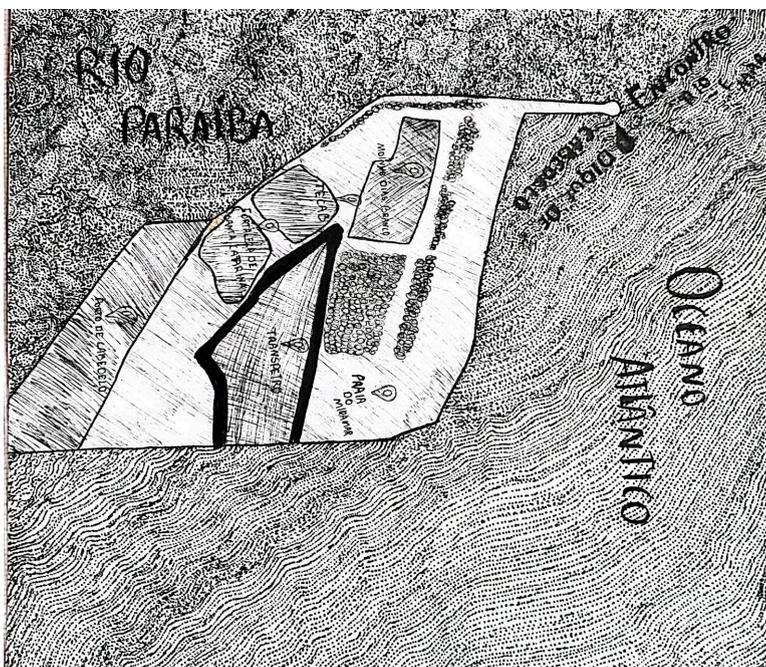
SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Navegar pela maré etnográfica: inserção no campo e desdobramentos.....	16
2. O desenho como ferramenta descritiva-etnográfica.....	23
3. Aprendi a ver o mar: tessituras de vida no Dique.....	33
3.1 Uma sinfonia multiespécie: pescadores, botos, peixes e gaivotas no Dique.....	35
4. Caminhar para o concreto.....	41
4.1 Nas ondas do concreto.....	42
4.2 Tríade do Antropoceno, concreto e infraestruturas.....	51
Considerações finais.....	58
Referências bibliográficas.....	63

Introdução

Este trabalho propõe uma análise das relações entre humanos e não humanos no Dique de Cabedelo, utilizando uma etnografia multiespécie (Kirksey, Helmreich, 2020) e uma antropologia desenhada (Azevedo, 2016) como principais abordagens metodológicas. O Dique de Cabedelo, localizado na Praia do Miramar, na cidade de Cabedelo, litoral norte da Paraíba, é um espaço de intersecção entre águas doces e salgadas, entre o “natural” e o construído, entre humanos e não humanos. Banhado de um lado pelo oceano Atlântico, com forte influência do tráfego portuário devido à proximidade com o Porto de Cabedelo, e do outro pelas águas doces do Rio Paraíba, esse local possui uma rica história ligada à pesca. Tanto a caça de baleias – que sustentou a economia paraibana por décadas (1912-1987) (Duarte Filho, Aguiar, 2013) – quanto a pescaria esportiva – ainda praticada por alguns pescadores – e também a pesca artesanal, compõem a complexa teia de relações que permeia o Dique.

Figura 1 - Mapa parcial do Dique de Cabedelo



Fonte: Desenho do autor, 2023.

O campo desta pesquisa teve origem a partir da minha inserção no projeto "Desenhando paisagens multiespécies rurais e costeiras", coordenado pela professora Aina

Azevedo (DCS/UFPB). O Dique de Cabedelo foi escolhido como o *locus* investigativo principal da pesquisa, e essa escolha está diretamente relacionada às condições excepcionais que estávamos vivenciando na época: a pandemia de COVID-19, em 2020. Diante das restrições impostas pelo contexto pandêmico, surgiram desafios metodológicos que exigiram a seleção de um local próximo à minha residência, o que permitiu a realização do trabalho de campo sem a necessidade de utilizar transporte público, respeitando, assim, as restrições sociais em vigor.

Com essa escolha, iniciei minhas observações no Dique de Cabedelo, acompanhando de perto as transformações que estavam ocorrendo durante a obra de requalificação da orla. A requalificação, marcada pela intervenção humana nas paisagens costeiras, trouxe à tona uma série de reflexões sobre como essas modificações afetam tanto os humanos quanto os não humanos que interagem naquele espaço.

A trajetória dessa pesquisa foi, de fato, permeada por inúmeros desafios. Além das limitações e precauções impostas pela pandemia, o estabelecimento de contatos com os interlocutores também se mostrou um processo complexo. Os pescadores locais emergiram como as pessoas principais com as quais consegui construir um diálogo mais consistente, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas que ali ocorriam. Através dessas interações, foi possível acessar uma diversidade de perspectivas e vivências que enriqueceram as reflexões desenvolvidas ao longo do estudo.

A pesquisa que desenvolvo aqui mergulha nas dinâmicas que envolvem essas interações multiespécies, nas quais humanos e não humanos coexistem, adaptam-se e negociam o espaço frente às transformações e infraestruturas que moldam continuamente o Dique. Essas infraestruturas humanas, tais como as construções costeiras e o tráfego portuário, têm reconfigurado a paisagem e impactado as práticas tradicionais de pesca, enquanto também afetam as ecologias locais.

Ao longo deste trabalho, exploro as diversas dimensões das relações multiespécies no Dique de Cabedelo, a partir de reflexões que surgiram no decorrer da pesquisa. No primeiro capítulo, revisito a trajetória de campo, desde o início da investigação até as últimas análises desenvolvidas. Nesse percurso, revisito as principais mudanças observadas nas relações entre humanos e não humanos, discutindo como essas transformações afetam a paisagem e os modos de vida, especialmente dos pescadores. A presença das obras de infraestrutura, como as intervenções costeiras, emerge aqui como um ponto central de problematização, alterando as dinâmicas tradicionais da região. Essas modificações

impactam diretamente as interações multiespécies, ao mesmo tempo que levantam questões sobre progresso, desenvolvimento e a sustentabilidade das práticas locais. Ao abordar essas problemáticas, preparo o terreno para discussões mais aprofundadas que seguem ao longo do trabalho.

No segundo capítulo, destaco o desenho como metodologia nesta pesquisa, vendo-o não apenas como um recurso visual, mas também como uma ferramenta descritiva-etnográfica. O desenho, aqui, ocupa um lugar central, permitindo uma forma única de observar, registrar e compreender as complexas relações no Dique. Apoio-me nas discussões levantadas por Aina Azevedo (2016), Tim Ingold (2015) e Karina Kuschnir (2016), que tratam o desenho como uma ferramenta que transcende a simples ilustração, permitindo um engajamento sensível e aprofundado com o campo. Neste contexto, o desenho não só descreve, mas também aproxima o pesquisador das interações e dos agentes que compõem a paisagem multiespécie, atuando como uma ponte entre a experiência sensorial e a análise crítica.

No terceiro capítulo, exploro a complexa dinâmica multiespécie no Dique de Cabedelo, destacando como a nova orla reformulada transformou as relações entre humanos e não humanos nesse ambiente costeiro. A partir de observações etnográficas, discuto como pescadores, botos, peixes e gaivotas interagem em uma sinfonia de movimentos que transcendem a visão fragmentada do espaço. Ao longo do capítulo, questiono o papel das infraestruturas humanas, como o próprio dique, na reconfiguração da paisagem e das relações, trazendo uma reflexão crítica sobre o impacto dessas intervenções e sua influência no cenário multiespécies.

No quarto capítulo, analiso como a urbanização costeira, simbolizada pelo conceito desenvolvido por mim de *ondas do concreto*, transforma profundamente as paisagens e as interações humanas e não humanas. Inspirado pelas ideias de Antônio Bispo (2023), que aponta a cidade como um espaço feito para humanos, analiso a reconfiguração das praias próximas ao Dique de Cabedelo. O concreto, além de criar uma barreira física, representa um distanciamento simbólico entre os humanos e o ambiente natural. As intervenções urbanas, justificadas por razões econômicas e turísticas, marginalizam práticas tradicionais, como as dos pescadores, e invisibilizam as temporalidades e ritmos dos não humanos. Ao observar desenhos do Plano de Gestão Integrada de Cabedelo (PGI), destaco como a expansão do concreto e a reorganização da natureza favorecem um futuro planejado para o progresso urbano, ao custo da exclusão de formas de vida não compatíveis com essa

lógica. Nesse contexto, desenvolvo também a *Triade do Antropoceno* como uma ferramenta analítica que explora as interações entre humanos, não humanos e o ambiente transformado por infraestruturas costeiras. A *Triade do Antropoceno* articula dimensões antropológicas, políticas e ecológicas, refletindo sobre como construções humanas, como o concreto, reconfiguram paisagens naturais e geram respostas ecológicas imprevisíveis, conhecidas como "efeitos ferais" (Tsing, 2021). Inspirado por Anna Tsing (2021, 2024), considero o Antropoceno¹ como uma era marcada por infraestruturas humanas que conectam ecologias em constante mudança, moldadas por interesses humanos e afetadas por dinâmicas imprevisíveis. Por fim, ao utilizar o termo "infraestruturas", refiro-me a projetos humanos que provocam alterações significativas na natureza e nas relações mais que humanas, funcionando como *projetos materiais de transformação da paisagem* (Tsing, 2021).

Ao longo dos últimos quatro anos, realizei esta pesquisa no Dique de Cabedelo, imerso em um ambiente onde humanos e não humanos compartilham o espaço, com interações que se transformam de acordo com as mudanças do cenário natural e as intervenções humanas. Essas experiências se desdobram em uma análise que reflete sobre como as relações entre espécies distintas são moldadas e reconfiguradas no contexto do Dique.

Figura 2 - Navegando no campo



Fonte: Desenho do autor, 2024.

¹É importante ressaltar que, embora utilize o termo Antropoceno para fundamentação teórica, com base nos trabalhos de Anna Tsing, esse conceito ainda é objeto de amplo debate em diversas áreas, e não apenas nas ciências humanas. Outros autores, ao explorar essa questão, recorrem a diferentes termos, como Capitoloceno, Plantationceno e Chthuluceno (Haraway, 2016). Por fim, vale reiterar que, apesar da referência ao "Antro" (humano) no termo, ele não representa todos os humanos. Refere-se, sobretudo, àqueles que, a partir da posse, desenvolvem o saber sintético como uma forma de habitar o planeta (Santos, 2023).

A metáfora das marés, que alternam entre cheias e baixas, serve não apenas como uma forma de descrever o ambiente físico do Dique, mas também como um guia que reflete o próprio caráter cíclico e fluido da etnografia aqui realizada. Assim como as marés, a pesquisa seguiu um ritmo não linear, marcado por idas e vindas, por momentos de proximidade com o campo e por outros, de distanciamento, seja pelas circunstâncias impostas pela pandemia ou pelas demandas acadêmicas. Ainda assim, cada nova onda trouxe uma camada de entendimento mais profundo sobre as complexas interações que ocorrem no Dique, transformando este trabalho em um retrato em constante movimento das paisagens multiespécies.

Convido o(a) leitor(a) a juntar-se a mim nesta jornada pelas águas do Dique de Cabedelo, onde as marés humanas e não humanas se entrelaçam em uma paisagem em constante transformação. Assim, proponho que a leitura seja comparada a uma travessia de barco, em que observamos as transformações das águas ao redor. Em diferentes momentos, podemos ver entre a luz suave da manhã – quando as atividades humanas começam a tomar forma – ou entre os raios de sol no final da tarde – quando o pôr do sol reflete nas ondas e as interações entre humanos e outros seres se tornam mais evidentes. Durante essa travessia, somos acompanhados pelas oscilações das marés, que, ora sobem, ora descem, enquanto estamos rodeados por outros seres além de nós mesmos, humanos.

1. Navegar pela maré etnográfica: inserção no campo e desdobramentos

No final de 2020, ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba, em um período marcado pelo início da pandemia de COVID-19. Pouco tempo depois, iniciei minha trajetória no projeto de pesquisa “Desenhando paisagens multiespécies rurais e costeiras”, coordenado pela professora Aina Azevedo (DCS/CCHLA). O projeto buscava explorar as complexas interações entre humanos e não humanos, utilizando o desenho como ferramenta de investigação. Devido às restrições impostas pelo aumento dos casos de COVID-19, fui forçado a adaptar minha pesquisa, limitando minhas atividades de campo a uma área próxima à minha residência, o Dique de Cabedelo, que tornou-se o foco inicial da investigação.

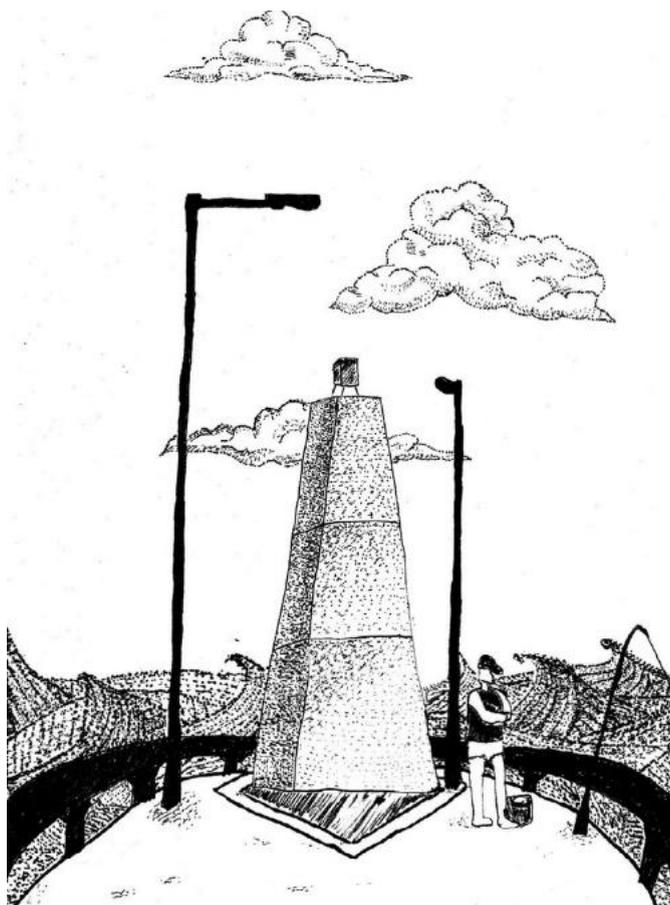
Essa experiência foi fundamental para minha introdução à antropologia multiespécie e ao uso do desenho como metodologia de pesquisa. Ao longo desse processo, desenvolvi um entendimento mais aprofundado sobre as práticas de pesquisa nas Ciências Sociais. Ainda sem uma base teórica consolidada, devido à recente presença no curso, o envolvimento com o projeto foi crucial para meu amadurecimento acadêmico, permitindo que eu construísse minha identidade como futuro cientista social e aspirante a antropólogo. Ao mesmo tempo, comecei a compreender melhor as dinâmicas do trabalho de campo e a complexidade das interações que ali ocorriam.

O projeto exigiu que eu me aprofundasse em debates contemporâneos da antropologia, especialmente em torno de uma virada epistemológica que busca ampliar o escopo do fazer antropológico, incorporando relações que transcendem o humano. Essa abordagem desafia o excepcionalismo humano predominante nas ciências humanas e promove o estudo das interações multiespécies (ver em: Marras, 2018; Sússekind, 2018; Haraway, 2022; Tsing, 2019, 2022; entre outros). Participar dessa discussão foi particularmente inspirador, especialmente como um estudante recém-ingresso no curso, e contribuiu para ampliar minha visão sobre a antropologia.

Além da proximidade com minha residência e das restrições sociais impostas pela pandemia, a escolha do Dique de Cabedelo como local de pesquisa, também se deu pelo fato de que uma grande obra estava em andamento na área. A requalificação da orla e a pavimentação da região costeira representavam uma intervenção significativa na paisagem. Nos primeiros anos do projeto, minha pesquisa focou em compreender como as relações multiespécies se adaptam e se reconfiguram diante das perturbações causadas pela obra de

requalificação. Foi nesse contexto que os primeiros rabiscos, desenhos e conversas com interlocutores começaram a surgir. Na época, como mencionado anteriormente, a movimentação de pessoas no Dique de Cabedelo era mínima devido às restrições impostas pela pandemia. As poucas pessoas que circulavam na área incluíam alguns turistas, moradores locais e, especialmente, os pescadores – que observei em quase todas as minhas idas a campo. Inclusive, o primeiro desenho que fiz em campo surgiu justamente da observação desses pescadores e foi intitulado “Homem pescando no farol do Dique de Cabedelo” (Figura 3). Esse desenho retrata um pescador próximo ao farol, com sua vara de pescar apoiada em buracos feitos no chão, ao lado de um pequeno balde em que ele guardava os peixes e as iscas. Ao fundo, o mar agitado durante a maré alta choca-se contra as pedras do Dique, compondo a paisagem da cena.

Figura 3 - Homem pescando no farol do Dique de Cabedelo



Fonte: Desenho do autor, 2021.

Com o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração dos primeiros desenhos, os pescadores tornaram-se meus principais interlocutores no Dique de Cabedelo. Por ser uma área bastante movimentada pela presença de pescadores, mesmo em período pandêmico, a dinâmica dos encontros com os pescadores se revelou desafiadora. Em cada visita, eu encontrava grupos diferentes, o que gerava uma diversidade de interações e perspectivas.² Nesse sentido, o estabelecimento de vínculos com esses interlocutores tornou-se um desafio para a construção de um conhecimento mais detalhado acerca de cada atividade realizada por pessoa ou grupo.

A rotatividade constante dos pescadores no Dique influenciou diretamente o curso da pesquisa, pois as conversas variavam conforme o grupo presente. Isso me levou a ajustar tanto as perguntas, quanto os desenhos que produzi, já que cada novo contato trazia uma perspectiva diferente das práticas e rotinas no local. A fim de capturar essa diversidade, decidi ampliar minha abordagem, visitando o Dique em horários variados para observar como as interações dos pescadores com a paisagem, com a pesca e com o que era pescado mudavam ao longo do dia. Essa estratégia ofereceu uma visão mais ampla do espaço, permitindo-me perceber como a paisagem era habitada de formas diversas, dependendo do momento e das pessoas envolvidas.

Ao optar por essa amplitude de observação, corria o risco de ser superficial em algumas interações. No entanto, essa escolha metodológica ocorreu porque a pesquisa não estava centrada somente nas práticas pesqueiras que são realizadas no Dique. A compreensão dessa paisagem e das nuances que ela apresenta como uma socialidade mais que humana (Tsing, 2019), procura entender como os pescadores se estabelecem dentro dessa dinâmica, assim como os botos, os peixes, as baleias do passado, entre outros.³

Seguindo o curso deste trabalho, somos levados a mergulhar em um dos elementos mais marcantes que atravessa toda a pesquisa: a obra em andamento no Dique de Cabedelo. Embora as interações com os pescadores e as implicações dessa obra sejam exploradas de forma mais aprofundada em capítulos posteriores, vale ressaltar aqui sua importância crucial para a configuração do campo de pesquisa.

Desde o início, quando as primeiras conversas com os pescadores foram estabelecidas, ficou claro que o impacto da obra sobre suas práticas era um tema sensível.

²É importante destacar que todos os pescadores com quem conversei durante a pesquisa de PIBIC eram homens, e a maioria praticava pesca esportiva.

³Embora eu mencione os pescadores de forma geral neste momento, suas conversas específicas, bem como o aprofundamento teórico e metodológico das interações multiespécies observadas, serão detalhadas em um capítulo posterior deste trabalho.

No entanto, o diálogo sobre essa questão, muitas vezes, não produzia as respostas esperadas. Quando perguntava como as mudanças físicas e estruturais do Dique afetaram suas atividades, as respostas que obtive foram superficiais, limitando-se a comentários como "Ah, vai ser boa para as pessoas, né?" ou "Não atrapalha nada." Contudo, apesar dessa aparente indiferença, as mudanças no ambiente eram visíveis e palpáveis, especialmente com a crescente presença da polícia ambiental, que se tornou um dos principais agentes de transformação das dinâmicas locais, além das próprias alterações físicas da paisagem.

Entre os anos de 2020 e 2021, os patrulheiros circulavam pelo Dique diariamente, impondo um controle rigoroso sobre as atividades humanas. Esse controle incluía a proibição de veículos na faixa de areia, exceto os da própria polícia. Era comum observar a abordagem imediata dos policiais quando um veículo tentava se aproximar da área. A sirene ecoava alto, sinalizando a presença da autoridade e reforçando a proibição. Os policiais, então, dirigiram-se ao motorista, ordenando que retirasse o veículo do local. Assim, o acesso ao Dique se dava, majoritariamente, a pé, o que limitava a circulação e criava uma atmosfera de vigilância constante. Segundo os relatos de alguns pescadores, a presença da polícia ambiental era justificada como uma medida para evitar a poluição sonora, tanto pelo ruído dos motores quanto pelo som alto dos carros, que, segundo se dizia, poderiam perturbar a fauna marinha, em especial os botos que, frequentemente, visitavam as águas do Dique.

Apesar do caráter regulador e, em certa medida, opressor da presença policial, os pescadores e eu aprendemos a lidar com essa situação com uma dose de humor e criatividade. Tornou-se uma espécie de rotina divertida esperar pela chegada de veículos que desafiavam a proibição, apenas para ouvir a sirene da polícia ser acionada, assustando os motoristas e arrancando risadas dos que estavam por perto. Essa cumplicidade entre nós era um pequeno alívio em meio à rigidez da vigilância.

Além disso, os pescadores – muitos deles veteranos na arte de lidar com as regras do Dique – desenvolveram estratégias engenhosas para burlar a supervisão policial. Carregados de equipamentos como varas de pesca, baldes com oxigenadores para os peixes e iscas, eles escondiam seus veículos em uma entrada alternativa do Dique – uma área mais afastada e menos monitorada. Em outras ocasiões, aproveitavam-se dos momentos em que a patrulha deixava o local para inspecionar a praia, levando suas motos para trás do farol do Dique, onde ficavam fora do campo de visão dos policiais. Esses atos de resistência,

embora pequenos, revelavam a adaptabilidade dos pescadores diante das restrições impostas.

Apesar da presença da polícia ambiental ter se estabelecido como um componente regulador da paisagem, assim como a própria construção do Dique, a justificativa apresentada para essa vigilância nunca me pareceu totalmente coerente. Lembro-me claramente de um dia específico em que decidi retornar ao Dique após meses afastado do campo. Era um dia tranquilo, com poucas pessoas na área, então decidi aproveitar a ocasião para me sentar em silêncio, refletir e apreciar a vista impressionante do pôr do sol sobre as águas do Rio Paraíba. Entre o pequeno grupo de observadores que, assim como eu, contemplava os raios de sol dourados se espalhando sobre a água, estava o carro da polícia ambiental, estacionado próximo à entrada do Dique. Naquele momento de introspecção, voltei a pensar sobre a questão do barulho e da poluição sonora. Se o objetivo da presença policial era proteger o ambiente da poluição sonora, por que certos ruídos, como os das fábricas e depósitos ao redor do Dique, eram tolerados, enquanto outros, como o som dos carros e das motos, eram imediatamente reprimidos? Essa hierarquização dos sons, que privilegia alguns em detrimento de outros, parecia-me arbitrária e sem uma justificativa clara. Era como se certos barulhos fossem legitimados pelo tempo e pela força das infraestruturas ao redor, enquanto outros, considerados intrusos, fossem rapidamente expulsos.

Essa reflexão me levou a considerar mais profundamente a natureza da intervenção da polícia ambiental e seu papel no contexto da obra em andamento. O que realmente estava em jogo ali? Seria a proteção dos botos e da fauna marinha ou uma tentativa de controlar e moldar as interações humanas naquele espaço em transformação? Não tenho respostas definitivas para essas questões, mas elas permanecem como pontos importantes de reflexão sobre o caminho percorrido pela polícia ambiental e a obra no Dique. O som das sirenes, o ruído das máquinas e o murmúrio das ondas se entrelaçam na memória desse campo, criando uma tapeçaria complexa de interações que vão além do simples conflito entre o humano e o não humano, desvelando camadas de controle, resistência e adaptação que marcaram profundamente essa trajetória de pesquisa.

Conforme mencionei anteriormente, a presença da polícia ambiental no Dique de Cabedelo foi um dos principais elementos que percebi como um fator de mudança nas dinâmicas do local – mesmo que essa alteração não tenha sido verbalizada diretamente pelos meus interlocutores. Curiosamente, essa presença foi desaparecendo ao longo dos

anos seguintes. Ao revisar as páginas do meu diário de campo, lembrei que, à medida que a obra da orla avançava, o número de carros aumentava significativamente, enquanto a vigilância da polícia ambiental diminuía. A transformação daquela área da praia de Cabedelo em um espaço turístico estava em pleno andamento, e isso parecia justificar a mudança. Afinal, se o objetivo da construção era tornar o local mais acessível e atrativo para turistas, o monitoramento rigoroso dos veículos tornava-se cada vez menos relevante, perdendo seu sentido naquele novo contexto.

Nesse contexto, alcanço o que posso definir como uma das etapas finais da pesquisa realizada, em que me dedico à análise detalhada dos documentos disponibilizados pela Prefeitura de Cabedelo sobre o projeto de requalificação da orla turística. Este projeto, que teve sua conclusão e inauguração em 2024, marca um ponto significativo na transformação da paisagem e nas dinâmicas sociais do Dique de Cabedelo. A investigação desses documentos me permitiu não apenas compreender as diretrizes e motivações por trás das mudanças estruturais, mas também avaliar os impactos que a obra teve, tanto na relação entre os habitantes e o espaço, quanto na própria configuração ambiental do local.

Cabe destacar que a reflexão sobre a obra será explorada em maior profundidade nos capítulos seguintes, quando abordarei com mais detalhes as implicações e desdobramentos desse projeto. No entanto, considero importante mencionar essa análise neste momento, para contextualizar a trajetória da pesquisa ao longo dos anos. A partir dessa análise documental, consigo mapear a evolução das intervenções no Dique e relacioná-las com as observações e experiências acumuladas em campo. Esse processo de investigação contínua não só me permitiu acompanhar as transformações no local, mas também adaptá-las às novas condições impostas pela conclusão do projeto, revelando as tensões entre o desenvolvimento urbano e as dinâmicas multiespécies que caracterizam a região.

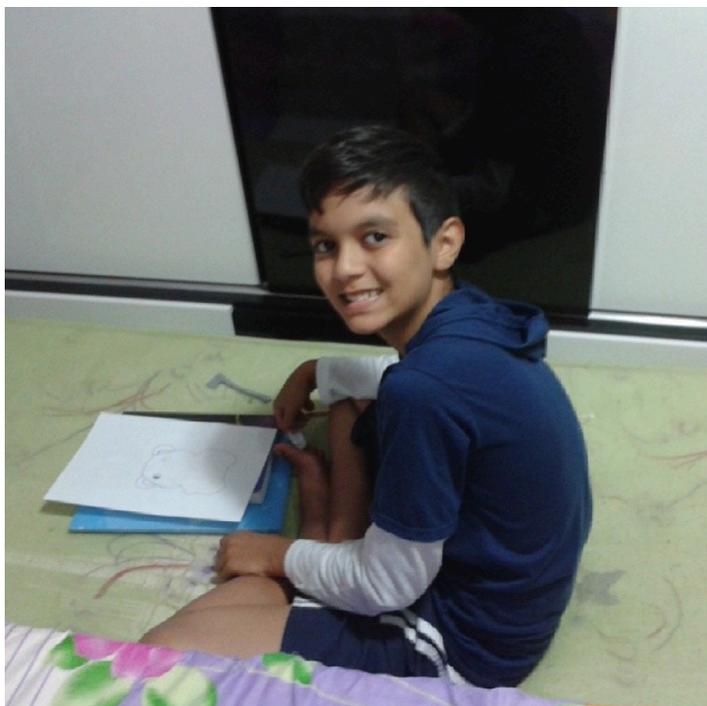
Navegando por essa maré etnográfica, um dos maiores desafios que enfrentei ao longo dos anos de pesquisa foi encontrar formas de representar, ou melhor, de capturar em minha etnografia as características sensoriais e visuais dessa paisagem em transformação. As palavras, embora poderosas, pareciam insuficientes para capturar plenamente as nuances dos sons, imagens e mudanças sutis que eu observava. Foi nesse ponto que o desenho emergiu como uma ferramenta indispensável no meu trabalho. Como uma extensão descritiva-etnográfica, o desenho complementou minhas observações, permitindo uma representação mais tangível das experiências e percepções do campo. Embora já

utilizasse o desenho desde os primeiros anos de pesquisa, sua importância se revelou ainda mais significativa na etnografia que realizei, tornando-se uma parte integral do meu processo investigativo e me acompanhando até os dias atuais. O próximo capítulo explora em detalhe essa integração do desenho no meu trabalho, e como ele contribuiu para uma compreensão mais detalhada e sensível do campo.

2. O desenho como ferramenta descritiva-etnográfica

Por que desenhar? Essa pergunta, formulada pelo antropólogo Tim Ingold em seu livro *Estar Vivo* (2015), ressoa profundamente em minha trajetória, pois foi a partir dessa reflexão que comecei a perceber o papel do desenho na minha vida e na minha pesquisa. Desde que me lembro, o desenho sempre esteve presente no meu cotidiano, uma prática constante e espontânea. Contudo, foi na antropologia que essa atividade ganhou um novo significado, tornando-se uma parte imprescindível não só dos meus trabalhos acadêmicos, mas também da minha própria existência.

Figura 4 - Fotografia da infância



Fonte: Acervo Pessoal do autor, 2013.

Uma memória específica destaca essa relação de longa data com o desenho. Recordo-me de uma fotografia tirada por minha madrinha, Milene Garcia, em 2013 (Figura 4). Nessa imagem, eu, com apenas 11 anos, apareço sentado em uma cama, concentrado no desenho de um urso. Essa cena se passa em Junco do Seridó, uma pequena cidade no interior da Paraíba, onde cresci. Essa lembrança é mais do que uma simples recordação de infância; ela simboliza como o desenho, mesmo nas etapas iniciais da minha vida, já

desempenhava um papel fundamental. Trago essa foto como exemplo justamente para refletir sobre o desenvolvimento dessa prática ao longo dos anos, que se manteve presente até os dias atuais, ganhando novas camadas de significado e utilidade ao longo da minha formação.

Em *Estar Vivo*, Ingold discute como o desenho, apesar de ser uma ação fundamental para a existência humana, é frequentemente relegado a dois extremos na sociedade ocidental contemporânea: aqueles que "não sabem desenhar" e aqueles que consideram o desenho uma atividade puramente infantil (Ingold, 2015). Foi justamente ao me deparar com essa perspectiva que percebi como o desenho poderia assumir um papel transformador na minha trajetória, passando de uma prática associada à infância e ao lúdico para uma ferramenta relevante dentro da antropologia e da etnografia. Essa compreensão me permitiu utilizar o desenho não apenas como uma forma de expressão artística, mas como um método de observação e descrição do mundo e das relações que o compõem.

No contexto da antropologia, como mencionei anteriormente, meu encontro com a pesquisa multiespécies foi influenciado pela aproximação com a antropologia desenhada, conforme desenvolvida por Aina Azevedo (2016). Esse encontro, marcado pela orientação da professora Aina, foi decisivo na consolidação da minha vida como pesquisador. A antropologia desenhada abriu novas possibilidades metodológicas e teóricas, permitindo que eu explorasse as interseções entre o desenho e a etnografia de uma maneira que eu nunca havia imaginado antes. Essa convergência de interesses e práticas foi, sem dúvida, um marco na minha formação, um desses momentos que, ao olhar em retrospecto, parecem predestinados, como se cada passo me levasse inevitavelmente a essa junção de caminhos.

Minha pesquisa, assim como muitos aspectos desse trabalho, foi moldada por encontros significativos. Esses encontros não só direcionaram o desenvolvimento da minha investigação, mas também influenciaram todo o processo nos bastidores. Ao ingressar no projeto e mergulhar na literatura que discute a ressignificação do desenho na antropologia, fui levado a explorar um universo de linhas e rabiscos que se mostrou muito mais profundo e vasto do que eu poderia imaginar. Nesse percurso, conheci colegas e trabalhos que, como eu, enxergam e utilizam o desenho como uma ferramenta antropológica e etnográfica capaz de descrever as relações sociais, sejam elas humanas ou não humanas.

Esses encontros foram decisivos, especialmente em 2021, quando me juntei ao LABAreDA (Laboratório de Desenho e Antropologia) da Universidade Federal da Paraíba,

coordenado pela professora Aina Azevedo. O LABAreDA é um grupo de pesquisa composto por antropólogos e antropólogas que integram o desenho em suas investigações. Participar deste grupo foi uma experiência transformadora, que ampliou minha visão sobre as possibilidades do desenho dentro da antropologia. A troca de ideias e os debates sobre trabalhos extraordinários me permitiram descobrir novas formas e usos do desenho, reforçando ainda mais sua importância na minha trajetória acadêmica.

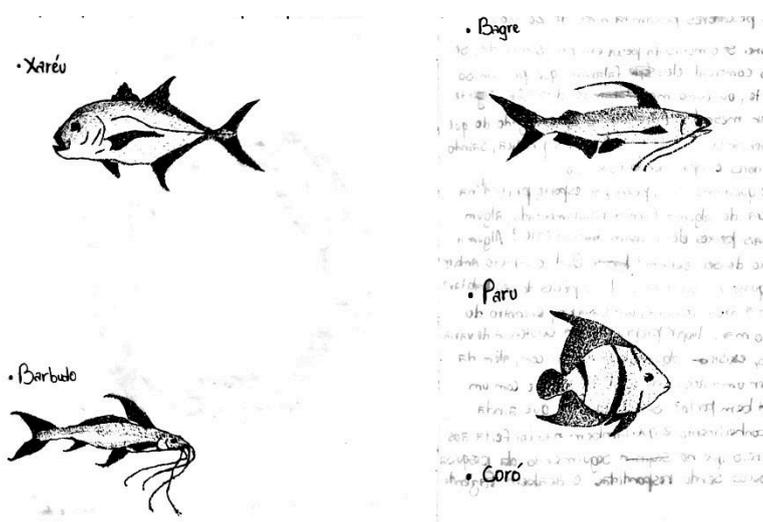
A partir desses encontros e experiências, sinto que estou mais preparado para responder à pergunta que me orienta desde o início deste texto: Por que desenhar? Deixando os bastidores e voltando ao campo da pesquisa, o desenho assume um papel crucial em diversos aspectos, que pretendo abordar em quatro pontos principais: aproximação, observação, divulgação e reconhecimento. Esses elementos traçam os caminhos que o desenho percorreu ao longo da minha pesquisa, sem seguir uma ordem cronológica estrita.

O uso do desenho como uma ferramenta de aproximação em campo surgiu a partir das minhas experiências de inserção no Dique. Por ser uma pessoa reservada, o processo de estabelecer contato com os interlocutores, que geralmente eram diferentes a cada ida ao campo, sempre foi um desafio. Nesse contexto, o desenho desempenhou um papel crucial ao facilitar essa interação, permitindo que eu rompesse a barreira da timidez e me conectasse de maneira mais espontânea com as pessoas. Um exemplo disso ocorreu na primeira conversa que tive com um grupo de pescadores que, curiosamente, aconteceu de forma não planejada.

Eu estava com alguns amigos na praia, sem a intenção de realizar uma pesquisa naquele momento, quando decidimos ir ao Dique. Aproveitei a oportunidade para me aproximar dos pescadores locais e fazer algumas perguntas básicas, como: "Quais peixes vocês geralmente pescam aqui?", "Como vocês pescam nessas águas?", e "Como sabem onde jogar a isca neste mar agitado?". Passei um tempo observando os pescadores em ação – vendo os peixes serem físgados – e tirei algumas fotografias com meu celular para registrar o momento. Não estava com meu diário de campo naquele momento, então só fui transcrever a conversa e esboçar os desenhos quando retornei para casa. Foi a partir dessas anotações que surgiram desenhos representando os peixes, as conversas, as técnicas de pesca, entre outros aspectos. Neste ponto, porém, quero me concentrar nos desenhos dos peixes, pois foram eles que se mostraram decisivos para as interações futuras.

Esse desenho em particular (Figura 4) abriu portas para conversas com os pescadores em momentos em que minha timidez ameaçava me silenciar. Com o diário em mãos, eu me aproximava do local onde os pescadores estavam, abria as páginas e começava a escrever, fazer rabiscos ou reler anotações anteriores. Lembro de uma ocasião específica em que o diário se provou um aliado importante: era um dia ensolarado e abafado, e eu decidi ir ao Dique pela manhã, na esperança de observar algo diferente do que costumava ver à tarde. Ao chegar, deparei-me com um grupo de pescadores próximo ao farol, sendo as únicas pessoas presentes naquele lugar, além de mim. Aproximando-me silenciosamente, sentei-me perto do farol e comecei a desenhar. Foi então que um dos pescadores, curioso, se aproximou e perguntou: "Ah, você desenha? Minha filha também adora essas coisas". Esse simples gesto quebrou o gelo, e pude mostrar-lhe o desenho dos peixes que havia feito anteriormente, aproveitando a oportunidade para me apresentar e explicar brevemente o que estava pesquisando.

Figura 5 - Peixes



Fonte: Desenho do autor, 2021.

Em outro momento, usei o mesmo desenho para iniciar uma conversa com dois pescadores. Aproveitei que eles acabavam de fregar um peixe e me aproximei, perguntando que tipo de peixe era aquele e mostrando um dos desenhos que já havia feito. A partir daí a interação fluiu de forma muito mais leve e natural, sem a rigidez de uma entrevista formal, característica comum em muitos trabalhos nas Ciências Sociais. Esses momentos não só enriqueceram minha pesquisa, como também me permitiram entender como o desenho

pode ser uma ferramenta poderosa de aproximação e diálogo, quebrando barreiras e criando um espaço de troca genuína entre pesquisador e interlocutor. Em seu trabalho com desenhos e pescadores na baía de Florianópolis, o antropólogo Ivan Gomes (2021), também afirma a importância do desenho para aproximação dos seus interlocutores:

Permanecer sentado – ou em pé, ou caminhando, como for – com caderno e caneta no colo e nas mãos atraiu atenção desejada para começar a desenvolver relações com os interlocutores. Curiosidade, admiração e surpresa se mostraram caminhos para a aproximação entre nós (Gomes, 2021, p. 3).

O próximo ponto a ser abordado é o desenho como ferramenta de observação e descrição. Na antropologia, a observação desempenha um papel fundamental. A prática mais conhecida desse método é a observação participante, que envolve imersão no campo para compreender as dinâmicas e o comportamento dos sujeitos de pesquisa. Entretanto, observar é apenas um dos diversos métodos que compõem uma investigação antropológica, que pode incluir a análise de documentos e outros materiais relevantes.

Nesse contexto, o ato de desenhar uma paisagem, como o Dique, revela duas dimensões que, embora possam parecer contraditórias, na verdade, se complementam, contribuindo para uma descrição crítica da paisagem (Tsing, 2019). Por um lado, desenhar a paisagem permite capturar a sua constante movimentação e transformação, refletindo mudanças como reformas em andamento e o fluxo contínuo de pessoas que frequentam o local. Por outro lado, o desenho também funciona como uma forma de recapitulação, de trabalhar com a memória, proporcionando uma visão detalhada da paisagem em movimento, mesmo quando se está fora do campo, no momento de transferir os dados para o diário.

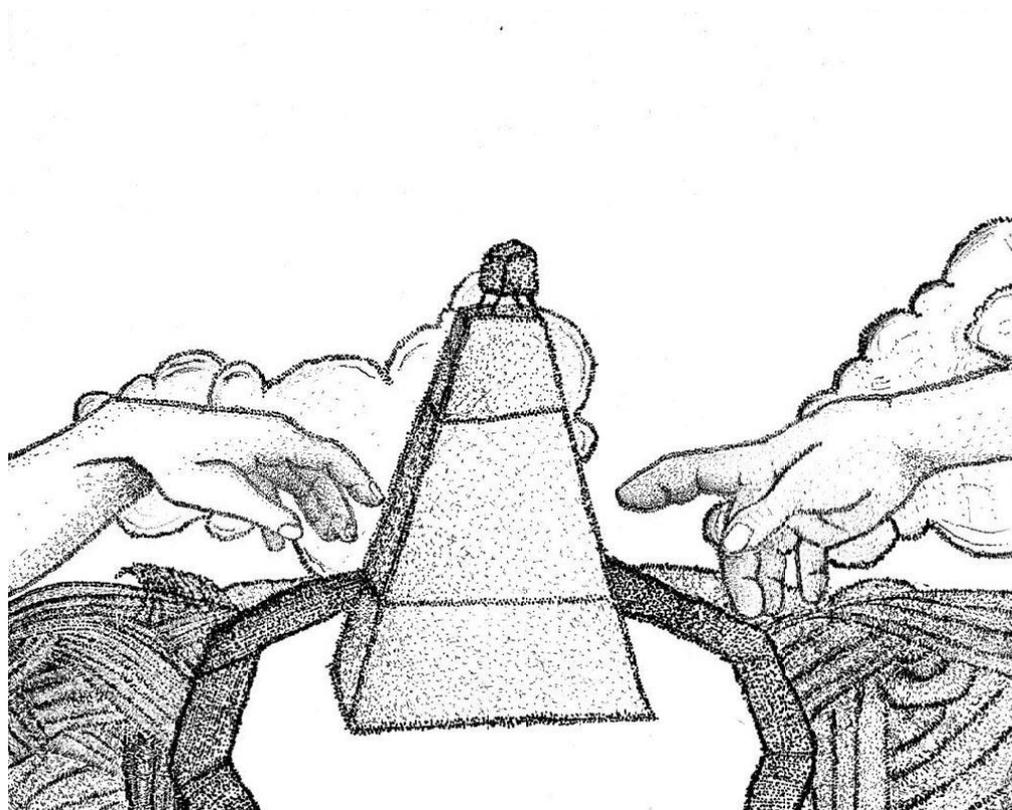
O desenho, portanto, pode ser uma ferramenta poderosa para observar e descrever uma paisagem dinâmica e em constante mudança, envolvendo tanto aspectos humanos quanto não humanos. Tim Ingold (2015) oferece uma perspectiva útil para refletir sobre a observação, a descrição e os movimentos, afirmando que:

Uma antropologia gráfica, então não visaria a uma descrição completa do que já existe, ou já existiu, mas a se unir a pessoas e outras coisas nos movimentos de sua formação. Esta união é uma prática de observação. Por observação não me refiro à contemplação distanciada e desinteressada de um mundo de objetos, nem à tradução de objetos em imagens ou representações mentais. Refiro-me antes ao acoplamento íntimo do movimento da atenção do observador com correntes de atividade no ambiente (Ingold, 2000^a: 108). Observar não é tanto ver o que está “ai” quanto observar o que está acontecendo. Seu objetivo, portanto, não é

representar o observado, mas participar com ele do mesmo movimento generativo (Ingold, 2015, p. 319).

Dentro desse contexto, um dos meus desenhos realizados no Dique (Figura 5) serve como um excelente exemplo de como o desenho pode funcionar como ferramenta de observação, ou, como a antropóloga Karina Kuschnir (2016) sugere, como um "desenho de observação". Esse conceito vai além da mera reprodução da realidade física que se encontra diante de nós; trata-se de um desenho que dialoga com os movimentos e as sutilezas do que é observado, capturando tanto o visível quanto o invisível, tanto a estrutura física quanto as dinâmicas e interpretações subjacentes.

Figura 6 - Um toque (in)ofensivo



Fonte: Desenho do autor, 2021.

O desenho, criado em 2021, é intitulado "Um toque (in)ofensivo". Nele, retrato o farol do Dique, uma construção que menciono repetidamente ao longo deste trabalho. O desenho, no entanto, não se limita a uma representação literal do farol. Ele inclui também

uma releitura das icônicas mãos do quadro "A Criação de Adão", de Michelangelo, que apontam em direção ao farol, sugerindo uma ligação com a construção humana.

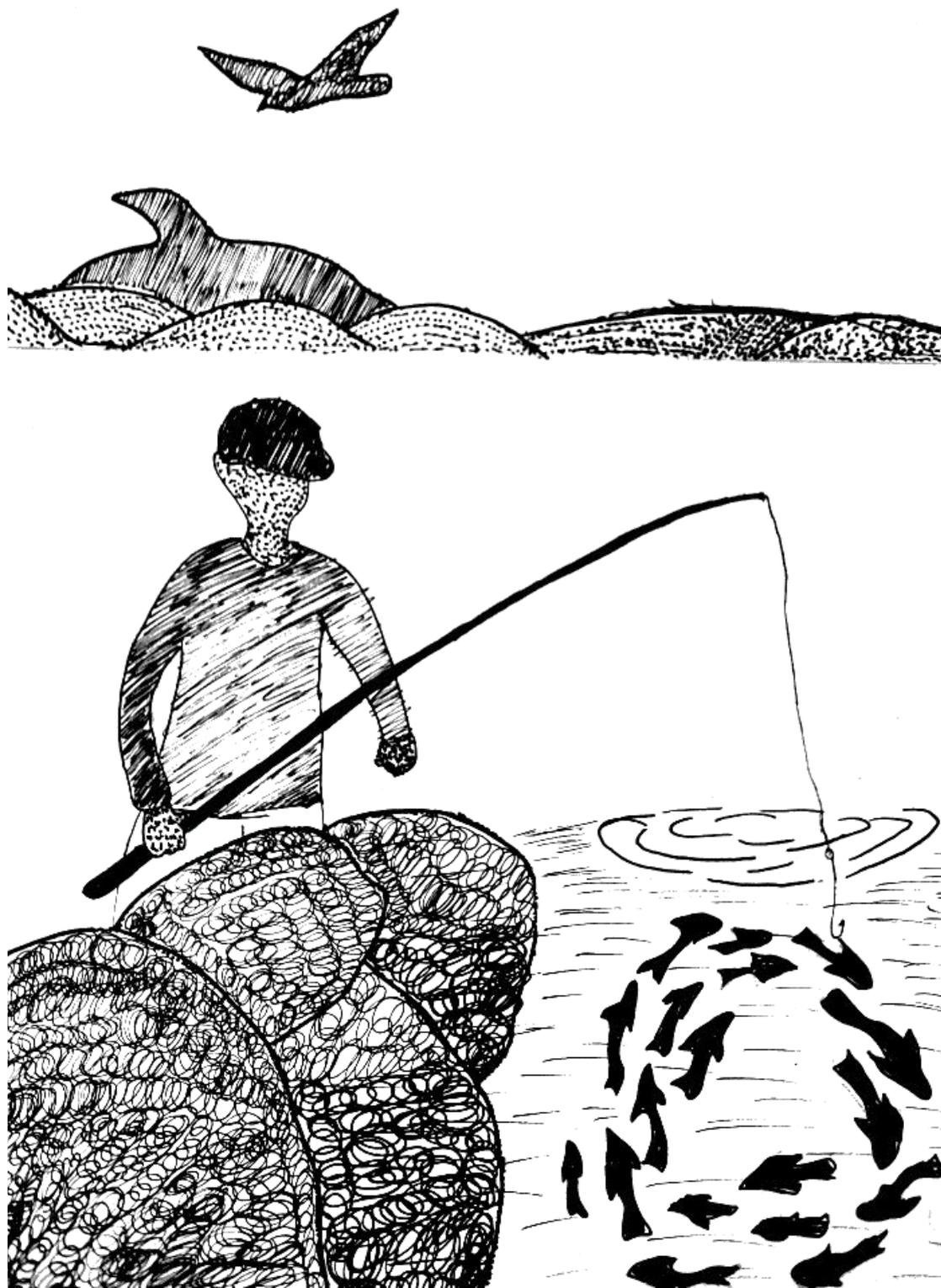
Minha intenção ao elaborar esse desenho foi capturar tanto a presença física do farol no Dique, cercado pelas águas em constante movimento, quanto refletir sobre a natureza antropogênica do Dique: uma construção moldada pelas mãos humanas, para conter as águas do Rio Paraíba e do mar na região. Desse modo, o desenho não só retrata o que é visível no local, mas também incorpora camadas de reflexão e observação que não são imediatamente aparentes. Ele expressa o que está "ali", não apenas de forma estruturada e tangível, mas também como uma manifestação das minhas percepções e interpretações sobre o ambiente observado.

O desenho, assim, permite visualizar esses movimentos reflexivos que surgem ao longo da pesquisa. Ele integra o visível e o invisível nos registros do meu diário de campo, funcionando simultaneamente como uma forma de registro e como uma técnica de observação. Como reflete Aina Azevedo acerca do seu primeiro desenho realizado em campo na África do Sul: "O desenho surgia então para mim como uma forma de registro e, ao mesmo tempo, uma técnica de observação. [...] O que instruiu o meu olhar e fez com que eu observasse, foi a tentativa de desenhar aquela cena." (Azevedo, 2016, p. 206).

Um exemplo esclarecedor do uso do desenho como ferramenta de observação encontra-se em um registro que fiz sobre as técnicas utilizadas pelos pescadores e a movimentação multiespécie envolvida na pesca (Figura 6). Em conversas com alguns pescadores, procurei entender como se dava o processo de observar o momento exato para lançar a vara na água. Perguntei o que eles observavam no mar, se existia alguma técnica específica ou se era apenas uma questão de sorte, na expectativa de fisgar algo ao acaso. Eles explicaram que o processo envolvia a observação atenta de pequenos redemoinhos formados na superfície da água, causados pelos cardumes de peixes em fuga dos botos, e também a observação das gaivotas, que acompanhavam os botos nessa pesca colaborativa.

Esse relato revela a complexidade de descrever tais interações em palavras. É aqui que o desenho emerge como uma ferramenta indispensável, capaz de capturar e comunicar o que está no limiar entre o visível e o invisível, entre o descritivo e o imaginário. O ato de desenhar permite, de forma única, registrar esses movimentos sutis e dinâmicos, criando uma ponte entre a realidade física e a percepção subjetiva, oferecendo uma visão mais profunda e multifacetada do que se observa em campo.

Figura 7 - Colaboração



Fonte: Desenho do autor, 2023.

Para concluir a questão inicial, é pertinente abordar outro papel fundamental desempenhado pelo desenho no desenvolvimento da pesquisa: sua função como meio de divulgação científica e catalisador de diálogos sobre os resultados e reflexões obtidas em campo (Azevedo, 2016). Um exemplo claro dessa importância são os ensaios visuais apresentados durante a pesquisa em eventos acadêmicos, com o objetivo de discutir o progresso da pesquisa e abrir espaço para diálogos construtivos.

Entre os anos de 2021 e 2024, tive a oportunidade de desenvolver diversos ensaios visuais e apresentações em eventos, utilizando o desenho como a principal forma de expor meu trabalho. Em 2021, participei das Jornadas de Antropologia John Monteiro, organizada pelo Programa de Pós-Graduação da UNICAMP, onde concorri ao Prêmio Mariza Corrêa com meus desenhos e recebi uma menção honrosa⁴. No ano seguinte, apresentei meu trabalho na III Mostra Digital de Ensaios Visuais, organizada pelo Núcleo de Antropologia Visual (Navis) da UFRN que, posteriormente, publicou os ensaios submetidos em um catálogo virtual pela Editora Deu na Telha⁵. Mais recentemente, participei da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, quando integrei o grupo de trabalho Antropologias da Paisagem: Conhecimentos, Relações e Políticas Multiespécie coordenado por Pedro Castelo Branco Silveira (Fundação Joaquim Nabuco), Thiago Mota Cardoso (UFAM), Karine Lopes Narahara (UNT) e Emmanuel Duarte Almada (UEMG), e concorri ao Prêmio Lévi-Strauss. No prêmio, apresentei a proposta do desenho como uma ferramenta descritiva-etnográfica em minha pesquisa, sendo premiado pela ideia. Isso demonstra que o desenho tem conquistado um espaço significativo na antropologia, transcendendo os limites do visual e estético para se afirmar como uma ferramenta metodológica e analítica, crucial tanto na construção do pensamento e do texto, quanto como um resultado de pesquisa em si, que pode ser divulgado em diversos espaços. Como afirma Tsing (2022), ao discutir o uso das imagens em seu trabalho acerca dos cogumelos matsutake: “Mais do que representar as cenas que discuto, eu uso as imagens para apresentar o espírito do meu argumento” (Tsing, 2022, p. 30).

Uma outra questão importante, nova em minha trajetória na pesquisa, foi a reflexão sobre o uso de desenhos feitos por outras pessoas como uma ferramenta de trabalho dentro da disciplina. Isso amplia a abordagem, que deixa de se limitar à prática pessoal de

⁴ Ver em: <https://jornadasjmonteiro.wixsite.com/jornadas2021/sthevson-lourran> . Acesso em: 26 de ago. de 2024

⁵ Ver em: https://drive.google.com/file/d/1G9AcREwI0x2mAezpV-syQdN7nfmWEPe_/view . Acesso em: 26 de ago. de 2024.

desenhar, reconhecendo que os desenhos realizados por terceiros também podem servir como material de análise dentro da etnografia. No contexto desta pesquisa, como será aprofundado no quarto capítulo, os desenhos contidos no documento sobre a requalificação da orla foram fundamentais para refletir sobre como o desenho, ao contrário da perspectiva de Ingold (2015), que o enxerga como um meio de descrever os movimentos da vida, também pode ser usado para suscitar o movimento de exclusão de certas vidas. Ou seja, o *desenho como projeto* que pode selecionar quais vidas são consideradas dignas de serem representadas, influenciando a construção da paisagem a ser apresentada no papel.

Assim, este capítulo buscou responder à provocação inicial do Ingold e discutir o papel do desenho na antropologia e, mais especificamente, na trajetória da minha pesquisa. As descrições das interações com os pescadores e das mudanças no Dique, que podem ter parecido vagas, serão desenvolvidas no capítulo seguinte, no qual o desenho, como destacado neste capítulo, evoluiu em conjunto com essas relações.

3. **Aprendi a ver o mar: tessituras de vida no Dique**

O Dique de Cabedelo é um cenário onde múltiplas espécies interagem em uma paisagem marcada por constantes transformações. Agora, com a obra finalizada e a nova orla concluída, o fluxo de construção que antes dominava o local se dissipou, dando lugar a um novo ritmo de vida. O aumento exponencial de pessoas, turistas, vendedores e outros frequentadores redefinem continuamente as relações que se desenrolam nessa paisagem. Essas interações, tanto humanas quanto não humanas, moldam e são moldadas pela paisagem, criando uma dinâmica viva.

Neste capítulo, o objetivo não é apenas descrever essas mudanças, mas explorar as narrativas que emergem dessas interações. O foco será nas relações que coexistem nesse espaço sem perder de vista a complexidade das construções e as influências que elas exercem sobre o ambiente e seus habitantes. A partir da pesquisa de campo, abordarei as experiências vivenciadas com os pescadores e as informações documentais sobre a construção na orla. Buscarei compreender como essas relações se desenvolvem e como a paisagem do Dique influencia e é influenciada pelas espécies que ali coexistem. Ao longo deste capítulo, pretendo oferecer uma análise detalhada dessas relações, conectando-as às discussões teóricas mais amplas da antropologia sobre estudos multiespécies e paisagens, e como essas interações podem nos ajudar a repensar o lugar do humano e do não humano na construção de um mundo compartilhado.

A discussão em torno da temática multiespécies na antropologia é relativamente recente, mas já se firmou como um campo de estudo significativo e em crescimento. Essa linha de investigação emergiu de uma interseção interdisciplinar que conecta os estudos ambientais, os estudos sociais e da ciência e tecnologia, e os estudos animais (Kirksey, Helmreich, 2020). Juntos, esses campos buscam questionar e expandir as fronteiras tradicionais da antropologia, propondo abordagens que rompem com o excepcionalismo humano e abrem espaço para o reconhecimento de outras formas de vida e suas socialidades.

Este trabalho, portanto, se insere nesse debate emergente, fundamentado em leituras e estudos que exploram essas novas fronteiras, aplicando essa perspectiva ao estudo do Dique. A pesquisa reflete sobre as emergências das relações entre seres humanos e não humanos em um contexto global, caracterizado por crises ambientais e descontrole ecológico — fenômenos intimamente ligados às ações humanas na era geológica que

denominamos Antropoceno. Nesse contexto, o objetivo é compreender como essas interações multiespécies se manifestam no Dique e de que maneira podem nos conduzir a repensar nossas práticas e responsabilidades em um mundo em constante transformação.

Ao expandir essa discussão para uma análise antropológica mais ampla, desde a construção da disciplina até os dias atuais, surge a necessidade, como afirma o antropólogo Stelio Marras (2018), de “desantropologizar” a antropologia. Ele argumenta:

Fazer a antropologia — para falar apenas dessa disciplina — fugir do antropocentrismo, do especíesismo, do excepcionalismo humano parece urgente demais para que não nos lancemos na tarefa de, digamos, desantropologizar a antropologia, tal em resposta ao que poderíamos designar, arrisco dizer, como um novo descentramento do humano-moderno-laico disparado pelas crises ecológicas crescentes. Ora, pôr em causa o antropocentrismo e seu irmão siamês ou gêmeo univitelino, que é o especíesismo, é pôr em causa a episteme construtivista, mas também, nas mesmas águas, a noção de liberdade (noção tão cara aos humanos modernos, às tradições do Ocidente) (Marras, 2018, p. 258).

Pensar em uma descrição crítica mais que humana (Tsing, 2019) da paisagem do Dique é questionar a relação intrínseca de uma antropologia do "entre", na qual estamos constantemente interagindo e coabitando com outros seres (Marras, 2018). Nesse sentido, a paisagem não é apenas um pano de fundo estático para as atividades humanas, mas um espaço onde múltiplas espécies participam e moldam ativamente as relações e significados que emergem.

A questão, portanto, se desdobra: “Qual dique poderá conter o avanço dos oceanos na praia humana?” (Marras, 2020, p. 132). Essa provocação nos leva a refletir profundamente sobre o papel das atividades humanas na paisagem e como estas, por sua vez, são moldadas pelas forças naturais e não humanas. Se reformularmos o questionamento, poderíamos indagar: Qual praia ou oceano poderia conter o avanço humano? Essa inversão da pergunta nos instiga a repensar a relação entre as construções humanas e os elementos naturais, especialmente no contexto do Dique de Cabedelo.

O Dique de Cabedelo foi projetado com a finalidade de servir como uma barreira física, controlando as águas do estuário do Rio Paraíba e do Oceano Atlântico, evitando que estas invadam as áreas urbanizadas ao redor. A construção do dique é considerada uma tentativa de conter as intervenções não humanas para que estas não interfiram no progresso humano, particularmente no funcionamento do porto e nos depósitos que se instalaram nas margens. No entanto, essa visão utilitária da paisagem ignora as complexas interações multiespécies que também moldam e são moldadas por essa infraestrutura.

Pensar criticamente a paisagem, portanto, envolve compreender não apenas as funções práticas de estruturas como o Dique, mas também a construção conceitual de "paisagem" dentro de uma perspectiva antropológica. Nesse contexto, o conceito de paisagem abrange uma vasta gama de interpretações dentro da disciplina antropológica (por exemplo, ver em: Silveira, 2011; Ingold, 2015; Cardoso, 2018). Diferentes autores oferecem perspectivas variadas sobre como entender e analisar a paisagem, refletindo a diversidade de abordagens dentro da antropologia. Neste trabalho, a discussão é orientada pela noção de paisagem multiespécies, tal como desenvolvida por Tsing (2019; 2022). Para Tsing (2019), a paisagem é um processo histórico dinâmico, onde as interações entre processos humanos e não humanos se entrelaçam na constituição e na evolução histórica do lugar.

Minhas paisagens são reuniões em que muitos seres vivos – e também coisas não vitais, como rochas e água – tomam parte. Eles se encontram para negociar sobrevivência colaborativa [...] eles podem não se conhecer diretamente [...] podem ignorar uns aos outros [...] mas cada um declina ou floresce nos efeitos de projetos de fazer-mundo iniciados e mantidos pelos outros. Paisagens, então, são reuniões de modos de ser em formação (Tsing, 2019, p. 248).

3.1 Uma sinfonia multiespécie: pescadores, botos, peixes e gaivotas no Dique

Finalmente, nos aproximamos para caminhar ao lado dos pescadores. No entanto, essa jornada não envolve apenas os pescadores. Outras espécies presentes também desempenham seu papel, nos levando a observar um ambiente compartilhado. Nas águas, movimentam-se os peixes e os botos, enquanto no ar voam as gaivotas, todos interagindo de maneira que vai além de uma visão individualista e fragmentada do mundo. Essas espécies revelam um modo de vida mais profundo, que não é imediatamente perceptível e, muitas vezes, não é totalmente compreendido, nem por nós, nem pelos próprios pescadores. No entanto, sua presença contribui para a defesa de uma paisagem mais que humana – um aspecto que busco destacar nesta pesquisa.

“Como um falcoeiro, você aprende a ver o ar” (Azevedo & Schroer, 2016, p. 184, tradução nossa). Esta frase, retirada de um ensaio gráfico de Aina Azevedo e Sara Asu Schroer, sempre ressoa profundamente em mim. Neste trabalho, vemos a relação simbiótica entre falcões e falcoeiros, uma interação multiespécie tão bem expressa graficamente que, ao observar os desenhos, quase sentimos as brisas nos tocando o rosto. O ensaio descreve como esses falcoeiros entram em relação com o ar, o clima, o vento, e

com a paisagem em geral – além, claro, do próprio falcão. Há uma troca de saberes: o falcão é aprendiz, mas o falcoeiro também é ensinado por essa convivência.

Não consigo desassociar essa imagem do meu campo, especialmente dos pescadores que observo. Talvez uma reformulação da frase possa nos levar mais a fundo nessa jornada: "Como um pescador, você aprende a ver o mar." Foi a partir dessa ideia que meu primeiro fôlego de inspiração dentro do campo surgiu. Como mencionei anteriormente, minha primeira conversa com os pescadores se desenrolou durante um passeio pelo Dique, um momento em que eu não estava lá como "pesquisador" – se é que em algum momento consegui me desprender completamente desse papel.

Aproximei-me de um pescador, um pouco tímido, mas confiante por não estar sozinho, e comecei a perguntar. As questões, que poderiam parecer banais, revelaram-se essenciais: Vocês pescam muito por aqui? Quais espécies capturam com mais frequência? Existe fiscalização sobre o que pode ou não ser pescado? Mas a questão que guiou toda a pesquisa foi: Como vocês sabem onde jogar a isca com o mar tão agitado?

Enquanto escrevo, não consigo me lembrar exatamente da resposta. Eu estava sem meu diário de campo, apenas tomando algumas notas no celular, mas o âmago da resposta estava ali: “aprendi a ver o mar”. Talvez não tenha sido essa a frase exata proferida, mas ela encapsula a explicação. Não se tratava de lançar a vara ao acaso. Havia uma relação íntima, entre o pescador e o ambiente, que envolvia o mar e as criaturas mencionadas.

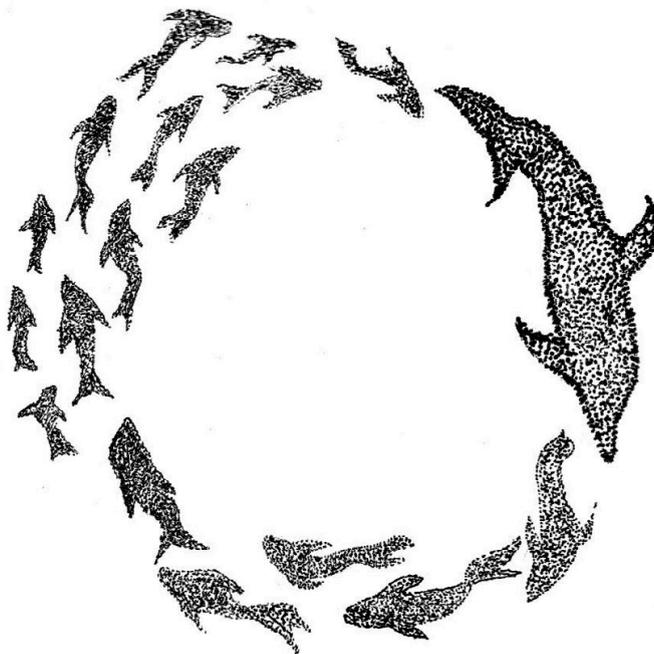
O pescador observava os sinais sutis que o mar oferecia: um movimento circular na superfície, resultado da fuga dos cardumes de peixes que tentavam escapar dos botos predadores. Em alguns dias, a visão era obstruída pelas fortes ondas que se chocavam contra as pedras ou pela maré alta. Nesse caso, os botos emergiam como guias silenciosos, subindo à superfície para respirar e revelando a localização dos peixes. Outro aliado nesse jogo de sobrevivência eram as gaivotas. Quando nem as águas, nem os botos eram visíveis, elas sobrevoavam o mar, observando atentas. Ao segui-las, os pescadores aumentavam suas chances de sucesso. A questão que surge é interessante: será que as gaivotas também observam os botos ou mesmo os pescadores? Não tenho como responder com certeza, talvez profissionais mais especializados nessas interações possam oferecer uma resposta mais precisa.

Gomes (2020), ao trabalhar com pescadores na baía de Florianópolis, destaca que a escolha dos locais de pesca, especialmente na ponte, é influenciada pela noção de atmosfera, elaborada por Ingold (2015). Ele afirma que “um bom lugar para a pesca não é

estático, devido ao dinamismo da atmosfera”. A concepção de atmosfera, segundo Ingold (2015), nos leva a perceber os corpos em profunda comunhão com a paisagem. Os elementos que compõem essa paisagem – como o vento, a temperatura (do ar e da água) e a salinidade da água – não são definidos apenas pela percepção dos pescadores ou dos peixes, mas, ao contrário, “[...] misturam-se e saturam sua consciência, gerando sua própria capacidade de percepção” (Gomes, 2020, p. 166).

Em uma tentativa de capturar essa dinâmica, o desenho se tornou minha principal ferramenta de entendimento. No decorrer da pesquisa, reproduzi inúmeras vezes esse movimento invisível aos meus olhos, mas presente na interação entre mar, pescadores e seus companheiros não humanos. Essas teias de relações emergem como um reflexo da complexidade e da interdependência que definem a paisagem do Dique – uma paisagem viva, em constante negociação entre seres, onde aprender a ver o mar, o ar e os corpos que nele habitam é parte fundamental dessa coabitação compartilhada (Figura 7).

Figura 8 - Redemoinho



Fonte: Desenho do autor, 2021.

Os encontros com os pescadores aconteceram ao longo do tempo, marcando minhas idas a campo como momentos de observação atenta e troca silenciosa. Além dos encontros já mencionados, houve mais dois significativos com grupos diferentes. No entanto, mesmo com a presença constante de pescadores, nem sempre conseguia conversar com todos. Às vezes, o simples fato de estar presente, sem necessariamente falar, já era suficiente. Um desses encontros ocorreu numa manhã em que a polícia ambiental apareceu, e o uso do desenho facilitou a aproximação. Foi também numa dessas manhãs que resolvi acompanhar um grupo de cerca de oito pescadores. O sol estava nascendo, e fiquei por ali, observando, trocando algumas palavras e registrando o cenário com algumas fotografias. Naquele dia, capturei imagens que se transformaram em desenhos – um deles chamou minha atenção: a camisa de um dos pescadores, com a estampa de um peixe. Os detalhes da estampa criavam a impressão de que seus braços tinham escamas, como se ele fosse parte do mar (Figura 8).

Figura 9 - Equipe Cipoada



Fonte: Desenho do autor, 2021.

O último encontro que tive com pescadores foi como um suspiro suave que encerrou, de forma inesperada e serena, meu ciclo de interações com eles. Aquele fim de tarde, já no final de 2022, estava carregado de uma beleza tranquila. Enquanto eu caminhava em direção ao Dique, como fizera tantas outras vezes, avistei um casal – um homem e uma mulher – sentados nas pedras, à beira do mar. Era um local onde eu não costumava ver pescadores. Os que praticavam pesca esportiva, com seus materiais mais sofisticados e numerosos equipamentos, costumavam ocupar a parte superior do Dique. Mas aquele casal estava ali, em sintonia com a paisagem, sem pressa.

Aproximei-me com a timidez habitual, caminhando com cuidado pelas pedras que ladeiam o mar, e perguntei se poderia me juntar a eles. Expliquei brevemente o motivo de minha aproximação.. O casal, Fábio e Matilde⁶,– pescava de uma maneira distinta dos outros pescadores que eu havia conhecido. A simplicidade reinava: uma vara de bambu e um pequeno balde ao lado.

Mais uma vez, foi o desenho que me abriu espaço. Trazia comigo o caderno de campo e, ao ver Fábio fisgar um peixe, aproveitei para mostrar alguns esboços que fizera anteriormente (Figura 4). Perguntei se aquele peixe que ele acabara de fisgar era o mesmo que eu havia desenhado. Ele pegou o caderno, mostrou os desenhos a Matilde e, com um sorriso, confirmou que era um Paru. Disse que tentaria pegar outro para me mostrar de perto, o que me deixou bastante contente.

Enquanto o tempo passava e a conversa fluía, observei atentamente a simplicidade do ato de pescar. Reparei que havia uma pequena bolinha na linha de pesca, próxima ao anzol. Quando perguntei o que era, Fábio explicou que se tratava de uma chumbada, usada para sentir as vibrações quando o peixe mordida a isca. Com gentileza, ele me ofereceu a vara para que eu também pudesse sentir e, quem sabe, fisgar algum peixe. Infelizmente, não tive a mesma sorte, mas o gesto me conectou ainda mais àquele momento.

A simplicidade da pesca, das respostas de Fábio e da tranquilidade do casal naquela tarde transformou aquela interação em algo especial. Sentado ali, observando o mar e os pequenos detalhes daquele cotidiano. Senti que, por um breve momento, eu fazia parte daquela rotina, daquela troca silenciosa entre mar, pescadores e peixes. O mar, aos poucos, me ensinava a vê-lo de uma forma diferente, tal como os pescadores que, com suas varas de bambu e paciência, traduziam o movimento das águas em algo quase íntimo.

⁶ Nomes fictícios.

Com a maré subindo, os materiais que carregávamos – baldes, bolsas e sacolas – começaram a ser molhados pelas águas que se aumentavam cada vez mais. Um navio de dragagem, trabalhando na abertura do caminho para os navios do porto, passava ao longe, e sua movimentação fez com que as ondas se tornassem mais fortes, nos forçando a subir para um local mais seguro. Ajudei Fábio e Matilde a recolherem seus pertences, e nos despedimos enquanto eles subiam em sua moto para partir. Fiquei ali por mais alguns minutos, observando o sol se pôr e me permitindo absorver o cenário ao redor antes de ir embora. Caminhei pela praia, aproveitando o resto da luz do dia, ainda embalado pelas últimas trocas.

Este encontro foi marcante, porque simbolizou, para mim, uma espécie de despedida, um ponto final nas minhas interações diretas com os pescadores durante o campo. A decisão de não focar mais nessa relação não foi por falta de conteúdo, muito pelo contrário. Já tinha em mãos material suficiente para refletir sobre as interações entre eles e o Dique, e não queria que minha pesquisa se limitasse a isso. A partir daquele momento, minhas atenções se voltariam para outras camadas dessa paisagem.

Essas conversas, esses momentos compartilhados à beira-mar, revelam algo profundo sobre as interações multiespécies que permeiam o Dique. Elas se escondem nas ondas, no voo das gaivotas, nos movimentos dos peixes, nos gestos dos pescadores, e se desdobram de forma quase invisível aos olhos distraídos. O Dique é um espaço onde as socialidades mais que humanas (Tsing, 2019) borbulham, entre as pedras, no fundo do mar e no ar. Essa paisagem, recentemente reformada e vista como um ponto turístico, é também um palco para essas interações, uma coreografia silenciosa de vida que se desenrola para aqueles que estão dispostos a olhar além da superfície

Por fim, no próximo capítulo, pretendo aprofundar a discussão sobre esses processos de urbanização e exclusão, refletindo sobre a construção na orla à luz dos conceitos de "ondas do concreto" e a "tríade do Antropoceno". Vou explorar como essas ideias podem iluminar as consequências das transformações urbanas para as interações multiespécies e as pessoas que habitam e trabalham nas fronteiras desse progresso.

4. Caminhar para o concreto

A cidade, como aponta Antônio Bispo (2023), é um espaço arquitetado exclusivamente para o humano e a vida humana⁷. A forma como as cidades se desenvolvem reflete a lógica de separação entre o ser humano e o ambiente natural. Nos territórios urbanos, a conexão direta com a natureza é intencionalmente minimizada, tanto no aspecto físico quanto no simbólico. A pavimentação de ruas e calçadas, por exemplo, transforma a experiência de andar pela cidade, criando uma barreira entre o corpo e o solo⁸. A camada de concreto entre os pés e a terra simboliza mais do que uma proteção física, representa o distanciamento crescente do humano em relação ao seu meio ambiente. Perdemos o contato direto com o solo que, como Bispo (2023, p. 28) sugere, era “o anseio original”.

Nesse cenário, o conceito desenvolvido de *ondas do concreto*, busca examinar os impactos das intervenções humanas nas paisagens costeiras, como observado durante a pesquisa no Dique de Cabedelo. A construção da orla turística como parte de uma proposta de requalificação urbana, exemplifica como a paisagem é transformada para atender a objetivos econômicos, particularmente relacionados ao turismo. Essas intervenções, entretanto, não apenas a modificam fisicamente, mas também reconfiguram as interações entre humanos, não humanos e o ambiente. A natureza, que antes desempenhava um papel central nas práticas de subsistência de comunidades costeiras, é reorganizada para se tornar um elemento visual de uma paisagem controlada e planejada.

Essa reconfiguração da paisagem também pode ser entendida dentro do contexto do desenvolvimento econômico e da urbanização. O avanço do concreto nas áreas costeiras é frequentemente justificado pela necessidade de modernizar a infraestrutura e atrair investimentos, especialmente no setor turístico. No entanto, essa transformação também levanta questões sobre quais formas de vida e quais temporalidades são privilegiadas nesse processo. Pescadores, vendedores locais e outros trabalhadores cuja sobrevivência depende

⁷Embora utilize essa citação de Bispo para refletir sobre a relação com a cidade, é importante destacar que o autor aborda a cidade a partir da perspectiva da cosmofobia, entendendo-a como um espaço de exclusão. Bispo enxerga a cidade como o oposto da natureza, um território artificializado e humanizado, excludente tanto para os não humanos quanto para aqueles humanos — como quilombolas e indígenas — que compreendem a natureza de forma integrada e não separada do espaço urbano.

⁸Tim Ingold (2015), no capítulo "A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés", reflete sobre as perspectivas humanas a partir do uso de calçados. Segundo o autor: “Os homens fizeram história com as mãos; eles dominaram a natureza e a puseram sob controle. E a natureza assim controlada inclui o pé, cada vez mais regulado e disciplinado no decurso da história pela tecnologia feita à mão de botas e sapatos” (Ingold, 2015, p. 89).

de um contato direto com o ambiente natural veem suas práticas marginalizadas à medida que as áreas costeiras são adaptadas para novos usos. O concreto, nesse caso, não apenas constrói uma barreira física, mas também redesenha as dinâmicas sociais e ecológicas.

O conceito de *ondas do concreto* busca capturar essas dinâmicas de transformação, mostrando como a urbanização altera não só a paisagem física, mas também as relações simbólicas e materiais entre as pessoas e o ambiente. As construções costeiras, como no Dique de Cabedelo, revelam uma tentativa de balancear o desenvolvimento urbano e a preservação da natureza, embora, muitas vezes, a natureza seja reorganizada para se adaptar à lógica do progresso econômico. Em vez de ser vista como um elemento independente e integrado ao cotidiano, a natureza se torna um componente estético da paisagem urbana, cuidadosamente mantido para satisfazer as expectativas de um público urbano e turístico.

Essas intervenções não são neutras, mas estão profundamente ligadas às dinâmicas de poder e às políticas de uso do solo. Ao discutir as *ondas do concreto*, é fundamental questionar quem se beneficia dessas transformações e quais formas de vida são priorizadas ou excluídas. O avanço da urbanização em áreas costeiras reflete uma negociação contínua entre diferentes interesses, onde o desenvolvimento econômico e turístico tendem a sobrepor-se às práticas tradicionais e às ecologias locais. Dessa forma, o conceito ajuda a explorar como as paisagens urbanas são constantemente remodeladas e como essas mudanças afetam tanto os humanos quanto os não humanos que habitam esses espaços.

4.1 Nas ondas do concreto

Esse distanciamento é visível nas praias próximas ao Dique, onde a “concretagem” da faixa de areia ilustra uma indiferença não apenas às temporalidades e ritmos dos humanos que ocupavam o espaço, mas também às temporalidades dos não humanos. A construção na orla, que se estende ao longo da costa, não só transforma a paisagem física, mas também redefine as interações entre os seres humanos e outras espécies que ali coexistem. A cidade moldada pelo concreto desconsidera as dinâmicas ecológicas que antes guiavam a relação entre os humanos e o ambiente costeiro. Essa transformação é um reflexo do conceito de progresso, profundamente enraizado na temporalidade humana. Segundo Tsing (2022), o progresso é visto como uma projeção do futuro que pertence exclusivamente aos seres humanos. No entanto, esse avanço desconsidera os ritmos e

ciclos dos não humanos, que vivem de maneira diferente, conseqüentemente, essas outras espécies serão subjugadas a esse progresso por não acompanhar o novo ritmo.

E, como dito anteriormente, o impacto dessa reconfiguração territorial não se limita às espécies não humanas. Pescadores e suas caiçaras, figuras que historicamente fazem parte das margens dessas praias, também viram suas rotinas interrompidas pelo avanço das construções. Essas pessoas que, por décadas, moldaram suas vidas em torno da relação com o mar e com a terra, agora enfrentam a imposição de uma nova paisagem urbana que não tem espaço para suas práticas. A modernização da cidade demanda espaço, e aqueles que não se adaptam a essa nova ordem são obrigados a se deslocar ou a desaparecer, sejam estes humanos ou não.

O concreto avança, e com ele as tradições e modos de vida que não se encaixam na lógica urbana tornam-se invisíveis. Essa marginalização é sentida tanto no plano material, quanto no simbólico. Os pescadores e vendedores locais, cuja presença era um elemento fundamental da paisagem, são agora vistos como obstáculos ao progresso, suas práticas e temporalidades incompatíveis com a aceleração do desenvolvimento.

Essa marginalização foi exemplificada de forma emblemática durante a continuação das obras no Dique de Cabedelo, quando diversas construções foram destruídas para dar lugar à expansão da infraestrutura urbana. Em maio de 2023, aproximadamente 70 dessas estruturas, incluindo quiosques, bares e caiçaras, foram derrubadas em cumprimento a um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado em 2019 entre a Prefeitura de Cabedelo e o Ministério Público Federal, cuja execução foi atrasada devido à pandemia (G1 PB, 2023).

A destruição dessas estruturas não foi apenas uma mudança física na paisagem, mas também uma remoção simbólica de presenças que historicamente habitaram aquele espaço. Pescadores locais, como relatado na reportagem, não foram informados sobre a demolição de suas caiçaras, apenas sobre os quiosques e bares. Um pescador, em um depoimento indignado, expressou sua frustração com a situação, destacando a exclusão dos trabalhadores tradicionais da área em favor do desenvolvimento imobiliário, ele diz:

Isso é por causa de rico, porque quando fazem esses apartamentos aqui, não querem pobre na frente. Nós somos pescadores. Quando chegaram aqui, a gente já estava. Estou com 57 anos, nasci e me criei aqui na beira de praia (G1 PB, 2023, n.p).

Essa fala ressoa profundamente, revelando a tensão entre o crescimento urbano e os interesses daqueles que ocupam o espaço há gerações. A expansão imobiliária em Cabedelo não é um fenômeno recente. O interesse em transformar a região data do final do século XIX, com a construção de uma ferrovia em 1889. Na época, Cabedelo ainda não era uma cidade emancipada da capital paraibana, e a ferrovia desempenhou um papel crucial na ocupação do território, tanto com o aumento das áreas de veraneio, quanto com a consolidação do porto como o principal da Paraíba em 1935 (Falcão; Lima; Borges, 2005). O desenvolvimento da cidade, a partir dessa infraestrutura, impulsionou o crescimento de habitações, principalmente na região da Praia de Ponta de Matos, expandindo ainda mais a ocupação e modificando drasticamente a paisagem.

Esses autores ainda relatam que, além da ferrovia e do porto, a intensificação do turismo e o parcelamento de terras para loteamentos residenciais contribuíram para uma significativa modificação da paisagem. Entre 1975 e 1985, houve uma aceleração no processo de ocupação da restinga de Cabedelo, que foi sendo progressivamente substituída por loteamentos e residências.

Neste período houve intensificação do processo de parcelamento, com a implementação dos loteamentos [...]. A aceleração do processo de ocupação na restinga de Cabedelo é atribuída, por um lado, ao crescimento das residências secundárias de uma parcela da população do Estado que, a partir da década de 70, passa a adquirir lotes nas praias [...] e, por outro, à transformação gradativa, a partir da década de 80, de parte dessas residências em moradias fixas (Falcão; Lima; Borges, 2005, p. 5).

Essa ocupação desenfreada transformou o território e aumentou a pressão sobre áreas preservadas. Muitas dessas áreas, como os antigos maceiós, foram aterradas, contribuindo para problemas como alagamentos frequentes (Falcão; Lima; Borges, 2005). Diante desse histórico de mudanças, o relato do pescador entrevistado pelo G1 PB em 2023 torna-se ainda mais significativo. Ao longo de seus 57 anos de vida, ele testemunhou a transformação da paisagem à sua volta, observando o crescimento de loteamentos e a perda gradual dos espaços que, outrora, pertenciam àqueles que dependiam diretamente do mar e da terra para sobreviver. As transformações impostas pelo desenvolvimento urbano e a exclusão daqueles que, como ele, ocupavam a praia desde antes da chegada dos empreendimentos imobiliários, refletem uma política de apagamento histórico que privilegia interesses econômicos em detrimento das vidas.

A requalificação da orla de Cabedelo foi desenvolvida a partir do Projeto Orla, uma metodologia de planejamento integrado promovida pelo governo federal, envolvendo diversas secretarias e ministérios⁹. O principal objetivo dessa iniciativa é a gestão das orlas do território brasileiro, guiada pelo Plano de Gestão Integrada (PGI). O processo de consolidação da requalificação da orla de Cabedelo está fundamentado no "Plano de Gestão Integrada da Orla de Cabedelo", que se tornou público após o município assumir a responsabilidade pela gestão do território litorâneo ao firmar, em 2021, o Termo de Adesão à Gestão de Praias (TAGP)¹⁰. O PGI pode ser descrito como:

[...] uma espécie de plano diretor simplificado, elaborado com a participação de representantes do setor público e da sociedade civil organizada, o qual define as diretrizes a serem consideradas na elaboração e apreciação de projetos urbanísticos a serem implementados na orla e que serão acompanhados e analisados por um Comitê Gestor municipal, que será constituído de forma paritária e deliberará sobre as propostas de uso e ordenamento da orla (Carvalho, 2022, p.20).

Embora não seja minha intenção aprofundar as questões burocráticas dos documentos, procuro refletir sobre algumas informações pertinentes que estão disponibilizadas neles. Um aspecto que chamou minha atenção ao analisar o documento consolidado no PGI de Cabedelo foi a seção que discorre sobre cenários de uso da área costeira do município. Nessa parte, são apresentados desenhos que delineiam três cenários: um cenário adequado, um cenário provável – caso não houvesse a intervenção do projeto – e, por fim, um futuro desejável com a implementação da intervenção (Cabedelo, 2023)¹¹.

Os desenhos estão divididos em áreas de interesse nas praias que o município agora gere, permitindo observar duas dinâmicas principais: o manejo da natureza e as construções que não estão em conformidade com as legislações vigentes. O primeiro desenho (Figura 9) ilustra o trecho da Praia Pontas de Matos, próxima ao Dique, onde é possível perceber a gestão do espaço. As ocupações humanas gradativamente desaparecem, dando lugar a uma pequena área preservada, com contenção de areia para mitigar o avanço

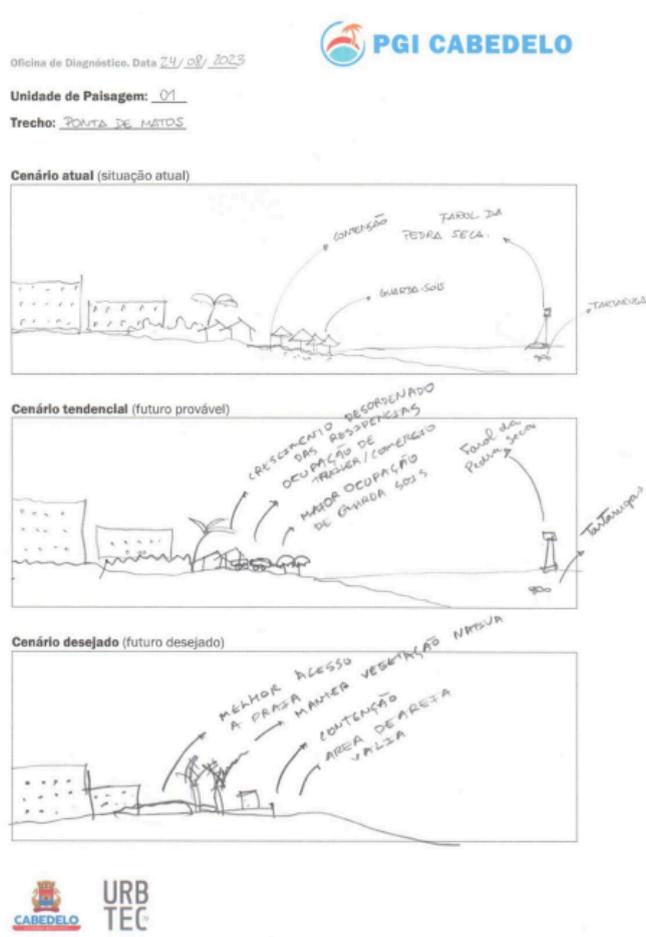
⁹ Informações mais detalhadas acerca dos órgãos e as formas de planejamento estão disponibilizados no link: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/patrimonio-da-uniao/arquivos-antiores-privados/projeto-orla/projeto-orla>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

¹⁰ Documento preliminar, mas que está como consolidado no site, disponível no link: <https://www.pdcabedelo.com.br/pgi-cabedelo>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

¹¹ Para garantir a legitimidade e o acesso às informações, estou utilizando notas de rodapé para esclarecer ao leitor a origem de cada dado que estão com acesso em domínios públicos. Outro ponto relevante é que o PGI foi desenvolvido não apenas pela Prefeitura de Cabedelo, mas também com a participação da empresa URBTEC™, uma consultoria terceirizada de planejamento urbano. Portanto, os desenhos mencionados aqui foram elaborados por essa empresa, o que reforça a necessidade de explicar essa situação antes de avançar na análise dos desenhos.

do mar na região. No entanto, apesar de sutil, a presença de uma pequena tartaruga nos dois primeiros desenhos é perceptível, mas no futuro desejado, essa presença sequer foi considerada, evidenciando sua exclusão no planejamento representado¹².

Figura 10 - Cenários Ponta de Matos



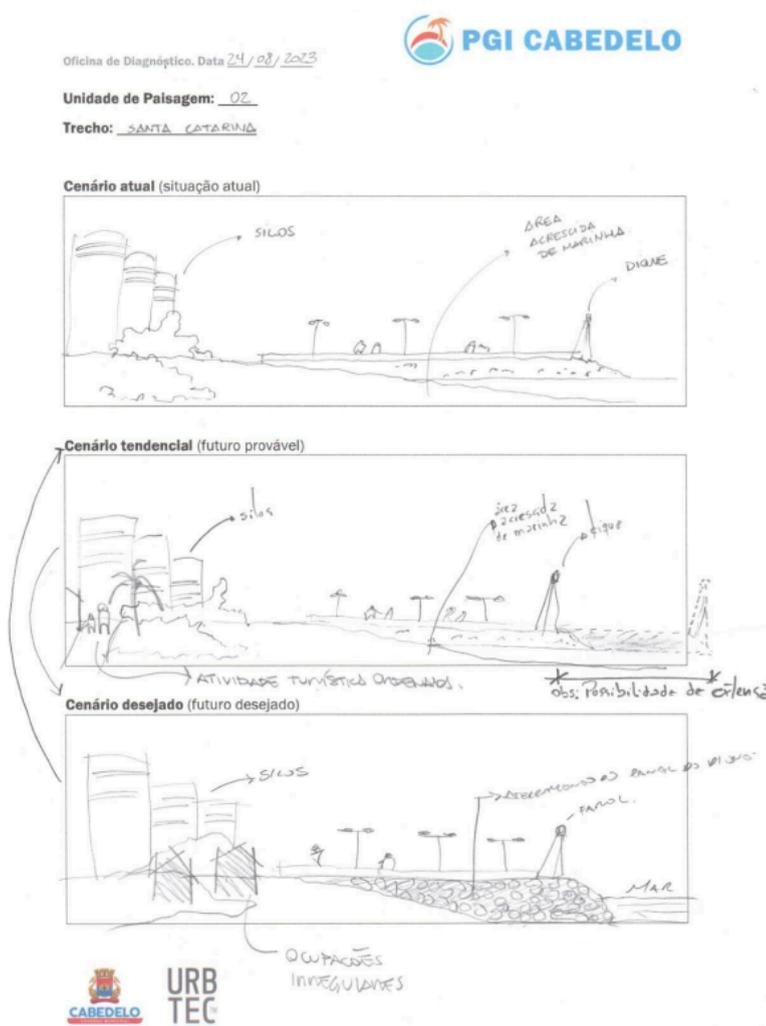
Fonte: PGI Consolidado; URBTEC™, 2023¹³.

¹² Cabedelo, como outras áreas litorâneas brasileiras, é um local onde várias espécies de tartarugas marinhas realizam suas desovas, habitats que sofrem diretamente com o impacto da urbanização. A “Associação Guajiru” (<https://www.instagram.com/associacaoguajiru/>) atua através do Projeto Tartarugas Urbanas, monitorando e sinalizando ninhos com a ajuda de voluntários, para assegurar que as desovas e nascimentos ocorram de forma segura. Certa vez, durante uma caminhada na praia próxima à minha casa, encontrei diversos filhotes de tartarugas mortos, atropelados pelos carros que circulam na estrada ao lado. Relatei o fato à associação e solicitei a sinalização do ninho. Fui informado que uma equipe seria enviada, mas até o momento a sinalização não foi implementada. Este triste evento exemplifica como as questões ambientais, como a preservação das tartarugas, muitas vezes são deixadas de lado em meio ao avanço das *ondas do concreto* nas praias de Cabedelo.

¹³ Disponível em: <https://www.pdcabedelo.com.br/pgi-documentos>, Acesso em: 06 de outubro de 2024

O segundo desenho (Figura 10), na região do Dique, apresenta sua ordem invertida: o que deveria ser o segundo desenho aparece como o terceiro, e vice-versa. Nele, observamos o manejo de partes da estrutura do Dique, com a proposta de expansão para um futuro desejado, enquanto no cenário tendencial, há ocupações irregulares. Notamos também uma mudança sutil na representação da vegetação. Plantas e árvores aparecem em menor quantidade ou realocadas, com a adição de novos elementos, como o coqueiro. No futuro desejado, a natureza é representada em espaços mais restritos, com apenas alguns arbustos e o mar aparecendo discretamente ao lado, enquanto o concreto avança em direção ao mar.

Figura 11 - Cenários Santa Catarina e Dique



Fonte: PGI Consolidado, URBTEC™, 2023.

Nos dois desenhos, podemos observar o que chamo de *ondas do concreto*. Embora sutil, o avanço do concreto suprime ou desloca a natureza para áreas cada vez mais reduzidas e controladas. Essa "onda" não apenas reconfigura o espaço físico, mas também redefine a existência e a interação entre humanos e não humanos. No cenário futuro, desejado, o concreto molda a paisagem de acordo com as demandas urbanísticas e turísticas — que, afinal, são o objetivo do PGI. Isso fica evidente na figura 9, em que o desaparecimento da tartaruga não parece ser um mero detalhe esquecido, mas uma forma de exclusão mais profunda. Ao analisarmos com mais atenção, o futuro desejado retrata apenas a faixa de areia da praia, sem a presença do mar, o qual desaparece junto com o farol no desenho.

Quanto à tartaruga, seu desaparecimento coincide com a introdução de uma barreira de contenção na área que antes poderia ser uma zona preservada com plantas nativas da região litorânea. A exclusão da tartaruga no desenho, portanto, não parece ser acidental, mas sim um indício de que aquele local já não será mais adequado para a espécie. Isso reflete o processo de controle e intervenção humana sobre a paisagem natural, na qual o avanço do concreto e da urbanização não só transforma o ambiente físico, mas também dita quais formas de vida podem ou não coexistir nesse espaço.

Figura 12 - Placas de aviso

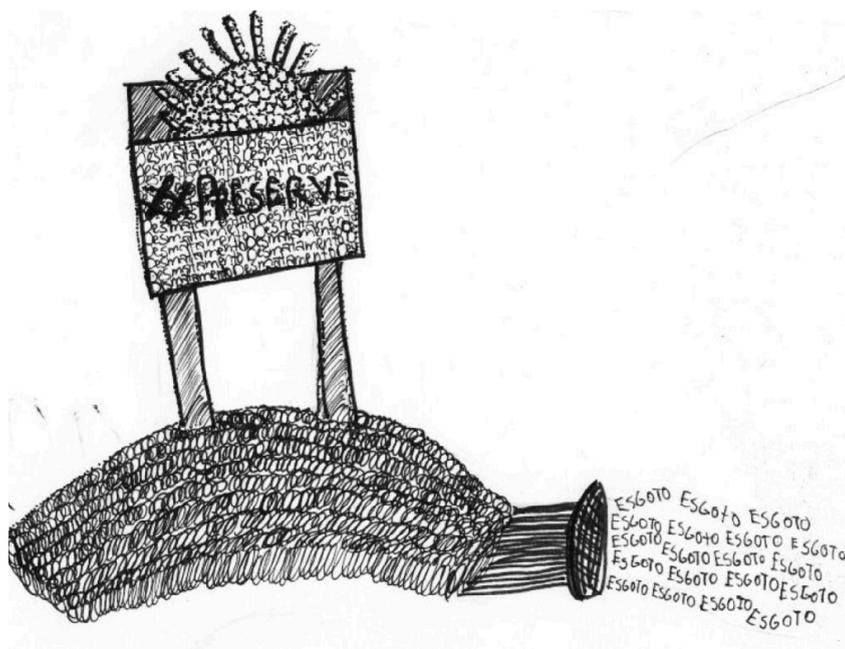


Fonte: Desenho do autor, 2021.

No segundo desenho, é interessante trazer à discussão dois desenhos específicos que fiz, nos quais retratei elementos que outrora faziam parte da paisagem, mas que não estão presentes em nenhum dos quadros do plano de requalificação. Esses elementos são duas placas que estavam no local: a primeira (Figura 11) alertava para a importância de retirar o lixo da região; e a segunda (Figura 12), feita de tampas de garrafas PET, transmitia uma mensagem sobre o uso mais consciente do espaço com a frase "Preserve".

Coincidentemente ou não, com a reforma completa, todas as placas que existiam no local, incluindo as desenhadas por mim, foram removidas. O conceito de *ondas do concreto* pode ser pensado em contraste com as ondas do mar. Enquanto as ondas do mar são imprevisíveis e modificam a paisagem conforme sua própria dinâmica, as *ondas do concreto* são minuciosamente planejadas para responder apenas às necessidades políticas e econômicas humanas.

Figura 13 - Placa "Preserve"



Fonte: Desenho do autor, 2022.

O desenho aqui continua a ideia de acompanhar os movimentos da vida, que foi um ponto central ao longo deste trabalho, a partir da discussão do desenho com o Ingold (2015). No entanto, os desenhos que agora são colocados para discussão vão além de descrever ou apresentar algo. Eles também buscam modificar o que retratam. Um exemplo

claro disso são os desenhos elaborados pela empresa contratada pela prefeitura, que refletem um processo de exclusão e modificação da paisagem. Esses desenhos são representações que, mais do que meramente organizar ou ilustrar, reforçam uma lógica de controle e reconfiguração do espaço, perpetuando uma ideia de "organização" imposta sobre a paisagem.

A desenhista com seu lápis, assim como o carpinteiro com sua serra, deve sentir onde está indo, e deve ajustar continuamente seus gestos de modo a se manter alinhado com um alvo em movimento (Ingold, 2015, p. 311).

Nesse sentido, o movimento que está sendo acompanhado nestes desenhos não é mais o das dinâmicas multiespécies, mas sim o movimento do progresso e do concreto, que molda e transforma a paisagem conforme interesses específicos. Trata-se de um processo em que o desenho atua como ferramenta de poder. O *desenho como projeto*, reconfigura a paisagem em favor de uma visão de desenvolvimento urbano que tende a excluir elementos não humanos, e silenciar as interações multiespécies que outrora emergiam de forma mais viva nesse espaço.

Voltando à discussão sobre o progresso que acompanha as *ondas do concreto*, Tsing (2022) nos alerta para como essa noção de progresso e suas temporalidades nos forçam a reconsiderar outros modos de habitar o mundo. Ela afirma que:

O progresso é uma marcha para a frente, que arrasta outras modalidades de tempo para o interior de seus ritmos. Se não fôssemos conduzidos por sua pulsação, poderíamos notar outros padrões de temporalidades. Cada ser vivo refaz o mundo a partir de ritmos sazonais de crescimento, padrões reprodutivos de vida e expansões geográficas. [...] Isto não é um simples empirismo no qual o mundo inventa suas próprias categorias. Em vez disso, descrentes da direção imposta pelo progresso, nós podemos olhar para o que tem sido ignorado por nunca ter se encaixado na sua linha do tempo (Tsing, 2022, p. 65).

Nesse sentido, surge a pergunta: o que fazer então? Pensando ainda com Tsing, o que pode se contrapor a essa busca incessante pelo progresso é o reconhecimento de nossa precariedade, isto é, aceitar nossa interdependência com outros seres, humanos ou não, e reconhecer nossa vulnerabilidade. As *ondas do concreto* que avançam não só em nossas praias, mas em várias outras paisagens, instauram uma separação, ainda que sob a justificativa de promover inclusão e desenvolvimento. Nas margens, são deixados aqueles que estão fora da regulamentação, que "atrapalham" o fluxo de turistas, a passagem de

carros, enfim, aqueles que não se encaixam no interesse do “progresso-como-expansão” (Tsing, 2022, p. 75).

A paisagem do Dique, por exemplo, mesmo com as tentativas de afastar esses indesejáveis, ainda é uma paisagem multiespécie, em que as relações mais que humanas se entrelaçam de formas complexas. O conceito de *ondas do concreto* utilizado aqui reflete como essas construções buscam controlar e regular a paisagem, moldando-a segundo interesses econômicos e políticos. No entanto, se quisermos continuar habitando o mundo de maneira menos prejudicial, precisamos nos reconhecer como seres interdependentes. Isso não significa apenas repensar nosso modo de viver no planeta, mas também repensar nossas teorias. Como sugere Strathern (2017):

Se quisermos produzir teorias adequadas da realidade social, o primeiro passo é perceber que as pessoas têm potencial para se relacionar e estão, ao mesmo tempo, sempre incorporadas em uma matriz de relações com outros (Strathern, 2017, p. 199).

Essa visão nos conduz a um entendimento mais profundo da conexão entre o humano e o não-humano, reforçando a importância de abordar a paisagem e o espaço como um entrelaçamento de interdependências, onde as *ondas do concreto* não devem prevalecer sobre as outras formas de existência que compartilham o mesmo ambiente.

Na próxima seção, pretendo aprofundar a discussão utilizando um esquema que elaborei ao longo da pesquisa, intitulado "Tríade do Antropoceno". Esse esquema busca articular três eixos principais que orientam minha análise da paisagem do Dique: uma perspectiva antropológica, uma visão política e um enfoque ecológico. Cada um desses pontos permitirá uma reflexão mais detalhada sobre os temas que venho discutindo até aqui.

4.2 **Tríade do Antropoceno, concreto e infraestruturas**

Durante a etnografia realizada neste trabalho, ao longo das descrições e reflexões apresentadas, me deparei com a necessidade de relacionar questões que emergiram e que atravessavam três grandes eixos: o antropológico, o político e o ecológico. Embora essas questões estejam quase sempre interligadas e tenham sido abordadas ao longo da análise, tornou-se necessário organizá-las de forma mais clara. Foi assim que desenvolvi uma

figura de análise que relacionei em forma de um triângulo equilátero, denominada *Tríade do Antropoceno*.

Essa estrutura analítica (Figura 13) busca conectar essas três dimensões de forma integrada, oferecendo uma ferramenta para pensar o meu trabalho no Dique à luz da era geológica que chamamos de Antropoceno. A *Tríade do Antropoceno*, portanto, não apenas sintetiza, mas também aprofunda os debates sobre a paisagem do Dique e os desafios contemporâneos que ela enfrenta, especialmente em relação à interação entre humanos, não humanos e o ambiente físico.

Figura 14 - Tríade do Antropoceno



Fonte: Esquema próprio do autor.

Essa abordagem busca explorar como as questões ecológicas, políticas e antropológicas se entrelaçam na formação e transformação da paisagem costeira, destacando a importância de uma análise que considere simultaneamente os impactos humanos e as respostas dos ecossistemas às infraestruturas construídas. O esquema da *Tríade do Antropoceno*, portanto, não se limita a ser uma ferramenta analítica, mas também serve como uma maneira de visualizar as interconexões dinâmicas entre esses três eixos.

O eixo antropológico da Tríade considera como as relações humanas, práticas culturais e modos de vida locais interagem com a paisagem, muitas vezes, de maneira desordenada ou em desacordo com as intenções urbanísticas ou de governança. O eixo político envolve uma reflexão sobre as políticas públicas e as forças econômicas que promovem a construção de infraestruturas, como o concreto do Dique, que busca atender às demandas do desenvolvimento econômico e turístico. Já o eixo ecológico expõe os limites dessas intervenções, mostrando como a própria natureza reage e se reorganiza, frequentemente, de maneiras imprevistas. Essas três dimensões, embora distintas, se

entrelaçam, criando tensões e possibilidades que são centrais para compreender a complexidade do Antropoceno no Dique.

Com isso em mente, proponho que pensemos o termo Antropoceno a partir da perspectiva sugerida por Tsing (2021): o Antropoceno como um conjunto de "manchas" ou "fragmentos" conectados às infraestruturas. Essa abordagem nos permite entender fenômenos dessa era geológica sob a ótica de uma antropologia mais que humana. Ao considerar o Antropoceno como um conjunto de manchas, podemos investigar como diferentes contextos locais e suas infraestruturas moldam as experiências de vida e as interações entre as espécies. Isso faz com que o trabalho de campo e as descrições etnográficas sejam essenciais para transformar esses fenômenos em objetos de pesquisa (Tsing, 2021). A etnografia, assim, vai além da observação das práticas humanas, incluindo também as vozes e experiências dos não humanos, revelando como eles participam na transformação das paisagens.

Quando falamos de infraestruturas, como Tsing e este trabalho propõe, nos referimos a projetos que não apenas conectam, mas que alteram profundamente a terra, as águas e a atmosfera. Tsing define infraestruturas como:

Uso o termo infraestrutura para me referir a projetos que alteram a terra, águas e a atmosfera, pois variam desde as *plantations*, a fábricas e transações internacionais. Não quero dizer “redes para mudar as coisas”, um dos significados comum do termo em antropologia, mas sim algo mais próximo de “obras públicas”, isto é, elementos materiais de projetos de governança – embora o termo “obras públicas” tenha saído de moda, e seja cada vez mais difícil encontrar a sua parte “pública”. Pense, por favor, em “projeto material de transformação da paisagem”, e não em “redes”. (Tsing, 2021, p. 179)

Ao aplicar essa concepção ao contexto do Dique de Cabedelo, podemos entender as intervenções urbanísticas como infraestruturas que reconfiguram a paisagem costeira, deslocando ou suprimindo a vida não humana e as diversas temporalidades que coexistem nesses espaços. Uma dessas "manchas" do Antropoceno, que molda a estrutura da paisagem no Dique, é o concreto, diretamente ligado aos interesses políticos, turísticos e imobiliários. Esse elemento não apenas transforma a paisagem física, mas também impacta a vida ecológica, afetando tanto humanos quanto não humanos.

Nesse sentido, Tsing argumenta que a construção dessas manchas do Antropoceno está vinculada às infraestruturas que, por sua vez, criam o que ela chama de "efeitos ferais" (Tsing, 2021). Segundo a autora, seres não humanos tornam-se ferais a partir de seus encontros com projetos humanos, "[...] mas não da maneira como os criadores desses

projetos previram" (Tsing; Denger; Saxena; Zhou, 2024, p. 10, tradução nossa). Tais efeitos são, muitas vezes, inesperados e caóticos, revelando uma dimensão indomável das interações entre humanos e não humanos, que transcende as intenções iniciais dos planejadores urbanos ou dos interesses econômicos envolvidos.

Um exemplo claro desses encontros entre seres não humanos e as infraestruturas humanas pode ser observado na etnografia realizada por Leticia Durand e Junita Sundberg nas praias da Riviera Maya, no Caribe mexicano. No texto *Algas, monstruos y el final del paraíso* (2023), as autoras descrevem como o surgimento em massa de uma espécie de algas pardas nas praias está diretamente relacionado ao crescimento do turismo na região, ao aumento de hotéis e outras construções, bem como ao despejo de poluentes nas águas provenientes desses empreendimentos. Elas destacam também o aquecimento das águas, causado pelas crises climáticas, que favoreceu a proliferação dessas algas. Para os interesses imobiliários, as algas são vistas como um problema a ser resolvido, enquanto para outras pessoas, elas representam uma possível solução para desafios ambientais futuros.

Essa visão contraditória sobre o fenômeno do sargaço exemplifica como as infraestruturas humanas frequentemente criam novos problemas ecológicos que, em vez de serem meramente adversidades, também podem abrir caminho para novas formas de vida e interações entre espécies. Nesse ponto, as fronteiras entre problema e solução se tornam ambíguas. O turismo, ao tentar moldar a paisagem de acordo com suas necessidades, inadvertidamente dá origem a *monstros*¹⁴ do Antropoceno (Tsing; Swanson; Gan; Bubandt, 2017) como o sargaço, que não apenas perturbam o equilíbrio ambiental, mas também desafiam a própria lógica de desenvolvimento humano e o ideal de controle sobre a natureza.

“Tudo o que jogamos no mar, o mar nos devolve. [...] O sargaço é a proteção do mar para afastar os humanos daqui, das praias, para que não a poluímos mais” (Durand, Sundberg, 2023, p. 34, tradução nossa). As autoras argumentam que o sargaço seria, então, um monstro do Antropoceno, um exemplo do que Tsing chamaria de "ferais" (Tsing, 2021). O sargaço, nesse sentido, se transforma em um agente autônomo que desafia as

¹⁴ Monstros aqui, assim como o conceito de feral, não está necessariamente ligado a lado pejorativo do termo normalmente associado a coisas e acontecimentos ruins, mas pelo contrário, os autores citados acima tratam eles na perspectiva uma chamada de atenção para uma chamada de atenção, “Os monstros nos pedem para considerar as maravilhas e os terrores do emaranhamento simbiótico no Antropoceno” (Tsing; Swanson; Gan; Bubandt, 2017, p. M3, tradução nossa).

tentativas humanas de controlar a natureza, manifestando uma dinâmica feral, imprevista e caótica.

O sargaço chega às costas em grandes manchas alongadas, como fios de algas que se fragmentam à medida que se aproximam da praia, onde se acumulam gradualmente. Se o volume for grande, as algas cobrem uma porção considerável da praia e começam a apodrecer e secar ao sol. [...] Ao se decompor, formam a chamada "maré marrom", uma mistura de águas e algas em decomposição de cor marrom escura, semelhante a um lodo com cheiro rançoso. Durante esse processo, o sargaço produz lixiviado e uma grande quantidade de matéria orgânica, que esgota o oxigênio da água e impede a passagem da luz, causando a morte de muitos organismos [...] (Durand, Sundberg, 2023, p. 46, tradução nossa).

Esses efeitos afetam também os projetos humanos, especialmente o turismo. Além de dar à praia um aspecto "sujo" e desagradável para alguns, o sargaço libera toxinas durante sua decomposição, prejudiciais tanto para humanos quanto para outros seres vivos (Durand, Sundberg, 2023). Assim, podemos observar como as interações multiespécies emergem em um cenário onde o poder de controle é disputado. Embora o turismo busque organizar a paisagem para o consumo, a natureza responde de formas que escapam ao planejamento humano, revelando as limitações das intervenções antropocêntricas: que monstros irão emergir das águas do Dique? É uma pergunta que escapa à requalificação da orla.

Nesse ponto, podemos retomar a discussão sobre o conceito de progresso. No artigo *O Antropoceno mais que humano* (2021), Tsing argumenta que devemos estar atentos a essas temporalidades e pensar em uma "cotemporalidade" no Antropoceno. Ela afirma:

A atenção às cotemporalidades nos leva às diferenças entre espécies. [...] Através de coordenações dentro das cotemporalidades são feitas histórias mais-que-humanas. [...] Pensar cotemporalidades nos permite notar as discrepâncias entre os diferentes tipos de seres – e, não obstante, precisamos ir e vir entre eles para conhecer as manchas e laços do Antropoceno (Tsing, 2021, p. 187).

Assim como o sargaço desafia a lógica do turismo na Riviera Maya, os efeitos das infraestruturas no Dique de Cabedelo revelam dinâmicas semelhantes de resistência e transformação. O concreto, utilizado para consolidar o espaço costeiro e, assim, fomentar o turismo e o desenvolvimento urbano, adquire uma agência própria, reorganizando a ecologia local de formas não planejadas. Ao alterar o fluxo das marés, interferir no deslocamento dos sedimentos e modificar os habitats de diversas espécies, o concreto

transcende seu papel de material inerte, transformando-se em uma força ativa no processo ecológico. O que era inicialmente uma tentativa de domar e estabilizar a paisagem costeira acaba por gerar um novo conjunto de condições ambientais, criando oportunidades para novas formas de vida e interações que escapam às previsões dos engenheiros e planejadores.

Ao observarmos a paisagem do Dique com essa perspectiva, percebemos como os elementos construídos — as barreiras de concreto e outras infraestruturas costeiras — não apenas atuam sobre o meio ambiente, mas também são incorporados à ecologia local. Esse processo evidencia o caráter multiespécies do Dique, onde o concreto, os organismos marinhos e os seres humanos entram em uma rede complexa de interações. Pássaros que encontram novos locais para pousar nas estruturas de concreto, peixes que passam a habitar as áreas modificadas pela alteração do fluxo das marés, e plantas aquáticas que surgem em novas zonas de sedimentos são exemplos de como o ambiente se transforma. Cada um desses seres responde de forma particular às mudanças impostas pelo concreto, e, juntos, eles constroem novas ecologias que, muitas vezes, desafiam a ideia de controle absoluto que os humanos almejam.

A abordagem multiespécies nos ajuda a compreender como diferentes organismos se entrelaçam em redes ecológicas imprevisíveis. O concreto, mais que uma barreira, torna-se parte desse fluxo de interações, afetando os ciclos de vida de pássaros, peixes e plantas, enquanto é moldado pelas forças naturais. O Dique se torna um espaço de encontros entre humanos e não humanos, onde desenvolvimento e respostas ecológicas se entrelaçam.

Essas dinâmicas refletem o conceito de "progresso" discutido por Tsing, no qual o desenvolvimento humano está conectado a respostas ecológicas que questionam as noções de controle e domesticação da natureza (Tsing, 2022). As infraestruturas de concreto, como no Dique de Cabedelo, geram "manchas ferais", espaços onde humanos e não humanos convivem com as consequências dessas intervenções. Como Tsing observa, essas paisagens revelam como a tentativa de domesticar a natureza cria formas de vida que desafiam as concepções de progresso.

Observar o Dique sob essa ótica nos faz reconsiderar o impacto das intervenções humanas. Essas mudanças não ocorrem em uma única direção: as infraestruturas humanas não só afetam o meio ambiente, como também criam novos ecossistemas. Isso nos leva a repensar a responsabilidade humana no Antropoceno, onde as fronteiras entre o que

considera-se natural e artificial torna-se cada vez mais tênue. As intervenções, como as barreiras de concreto, revelam uma paisagem em constante transformação, em que relações multiespécies são reformuladas com o tempo e o espaço.

Por conta do "fim" desta pesquisa e das limitações temporais envolvidas, não consigo, neste momento, apontar com precisão quais serão os “efeitos ferais” que as reformas na faixa de areia irão produzir na estrutura da paisagem do Dique e nas relações multiespécies. O futuro é incerto, especialmente quando se trata de mudanças ecológicas a longo prazo. Será o avanço do mar — o que explicaria os desenhos no documento do PGI, que ilustra barreiras de contenção e uma possível extensão do próprio Dique — o maior impacto dessas reformas? Poderia o aumento dos sargaços, como visto em outros cenários, ser um dos resultados esperados? Ou talvez o surgimento e desaparecimento de espécies em resposta às novas condições ambientais possa ser o efeito mais visível?

Ainda que tais fenômenos sejam difíceis de prever com exatidão, é inegável que mudanças ocorrerão. Como discutido anteriormente, essas transformações não precisam ser necessariamente negativas para os não humanos e, em alguns casos, podem até beneficiar certas espécies. No entanto, o comportamento dos seres ferais — plantas, animais, fungos, bactérias — é por definição imprevisível. Eles desafiam as tentativas de controle humano, surgindo e prevalecendo em momentos, lugares e formas inesperadas. A paisagem transformada do Dique se tornará o palco para essa dança imprevisível entre o concreto e as forças da chamada natureza, em que o poder humano é apenas uma das muitas variáveis.

Essa impossibilidade de prever o futuro das paisagens costeiras expõe a fragilidade das tentativas humanas de controlar e dominar a natureza. Ao mesmo tempo, ela evidencia a resiliência das espécies que continuam a interagir e coexistir em paisagens modificadas pelas ações humanas. No Dique de Cabedelo, essas interações persistirão, mesmo além do controle humano, desafiando nossas concepções de progresso e nos convidando a reconsiderar nosso papel dentro de uma rede ecológica em constante transformação. Refletindo à luz da lógica da Tríade do Antropoceno, podemos concluir que essas dinâmicas ressaltam a interdependência entre o antropológico, o político e o ecológico, revelando como esses eixos se entrelaçam na formação e reconfiguração das paisagens costeiras, tanto no presente, quanto em seus futuros imprevisíveis.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, percorremos diversos caminhos e reflexões que partem de uma abordagem da antropologia multiespécie desenhada. Essa abordagem permitiu explorar as interações entre humanos e não humanos, destacando como as infraestruturas costeiras, como o Dique de Cabedelo, afetam e são afetadas por esses múltiplos agentes. Retomar esses pontos é fundamental para compreender as imbricações que emergem dessa paisagem transformada e que foram discutidas ao longo do trabalho.

O contato com os pescadores, como demonstrei ao longo da pesquisa, desempenhou um papel crucial na construção de diversas reflexões centrais para este estudo. Entre elas, destaco o uso do desenho como forma de aproximação, o desenho como ferramenta descritiva-etnográfica, a pesca colaborativa, as relações multiespécies e, por fim, a paisagem entendida como uma paisagem multiespécie. Esses elementos estão diretamente conectados ao conceito das *ondas do concreto* e conduzem a uma reflexão mais ampla sobre essas questões por meio da Tríade do Antropoceno.

O primeiro ponto, o uso do desenho como uma forma de aproximação, foi fundamental para estabelecer uma relação mais profunda com os pescadores. Mesmo que o desenho estivesse presente desde o início da pesquisa, ele foi, inicialmente, utilizado de maneira involuntária, mas acabou se tornando uma ferramenta central para a criação de um vínculo com os interlocutores. O ato de desenhar não apenas permitiu que eu me aproximasse dos pescadores, mas também serviu como uma forma de descrever e documentar as dinâmicas vivenciadas no campo.

O desenho, como sugere Ingold (2015), faz parte do movimento de descrição da vida. Assim, ele não é apenas um meio de representação visual, mas também uma maneira de explorar e compreender o mundo em constante movimento. No contexto desta pesquisa, o desenho assumiu essa dupla função: como um instrumento de aproximação e como uma ferramenta descritiva-etnográfica. Ao desenhar, capturei momentos e interações que foram fundamentais para a análise da paisagem e das relações multiespécies presentes no Dique de Cabedelo. No entanto, também pude analisar o *desenho como projeto*, isto é, quando, em vez de apenas acompanhar os movimentos da vida, ele passa a atuar em conjunto com as infraestruturas humanas para modificar relações, paisagens e as dinâmicas que originalmente procurava descrever. Nesse sentido, o desenho deixa de ser uma descrição

para se tornar um agente transformador, contribuindo para reorganizar o espaço e a vida que nele habita.

Na antropologia, essa mudança de função do desenho é significativa, pois ele passa de uma ferramenta descritiva-etnográfica para um mecanismo que participa ativamente na reconfiguração dos ambientes e das interações que o cercam. Esse tipo de desenho opera dentro de projetos urbanísticos e de desenvolvimento, sendo utilizado, muitas vezes, para redesenhar paisagens e impor novas dinâmicas sobre a vida. Dessa forma, o *desenho como projeto*, como analisado no trabalho, se coloca como uma força que não apenas ilustra, mas também define e altera a relação dos humanos com seu entorno, moldando as percepções e as interações tanto entre os humanos, quanto com os não humanos.

As relações de pesca colaborativa entre os pescadores, o boto e as gaivotas no Dique de Cabedelo foram retratadas de maneira única através do desenho, evidenciando a complexidade e o dinamismo das interações multiespécies. A paisagem do Dique, nesse sentido, se revela como um emaranhado vivo de interações entre humanos e não humanos, onde cada relação está intrinsecamente conectada a outra. O uso do desenho permitiu captar essas conexões de forma visual e etnográfica, enfatizando a interdependência entre as espécies que coabitam o espaço.

O reconhecimento da importância dos não humanos na configuração da paisagem é um dos pontos centrais deste trabalho. Tradicionalmente, nas descrições etnográficas, os não humanos apareciam apenas como pano de fundo, ignorados nas análises sociais. No entanto, ao adotar uma abordagem à luz de uma etnografia multiespécie (Kirksey, Helmreich, 2020), este estudo ressalta o papel central dessas interações na composição da paisagem e das práticas humanas. Como Tsing (2019, p. 91) argumenta, "[...] precisamos de mutualismos multiespécies para sobreviver". Essa visão nos leva a entender que os não humanos, como os botos e as gaivotas, não são apenas figurantes, mas agentes ativos na manutenção das ecologias locais e das dinâmicas sociais do Dique.

Nesse contexto de entrelaçamento de vidas e relações, a obra de requalificação da orla, iniciada em 2020, trouxe uma camada adicional de complexidade ao campo. A intervenção humana, focada na construção de uma nova orla, teve impactos profundos nas relações multiespécies que compõem a paisagem do Dique. Um dos principais objetivos desta pesquisa foi justamente entender como essas obras alteraram as interações entre humanos, não humanos e o ambiente físico, questionando a forma como o progresso urbano pode reconfigurar ecologias locais.

A requalificação do Dique não foi apenas uma transformação física do espaço, mas uma reconfiguração das relações entre espécies que, até então, viviam de forma mais harmoniosa com o ambiente. A obra introduziu novos desafios e tensões, modificando padrões de comportamento e coexistência, especialmente em relação aos pescadores e às espécies que dependem da dinâmica natural da costa.

Assim, o Dique de Cabedelo se tornou um lugar emblemático para refletir sobre o impacto das infraestruturas humanas nas paisagens multiespécies, questionando como intervenções aparentemente focadas no desenvolvimento urbano podem desencadear mudanças significativas nas interações entre humanos e não humanos. A pesquisa, ao olhar para essas transformações, nos convida a repensar as relações de poder, a ecologia e a coexistência dentro do cenário das infraestruturas antropogênicas.

Nesse sentido, propus o conceito de *ondas do concreto* para discutirmos a partir das obras no Dique que acompanharam a pesquisa. O avanço das *ondas do concreto* no Dique de Cabedelo, como observado ao longo desta pesquisa, reflete um processo que vai além da simples reconfiguração da paisagem. Essa transformação, impulsionada pela lógica do progresso e da urbanização, desconsidera as dinâmicas ecológicas e as temporalidades dos humanos e não humanos que antes ocupavam a área. Tal como Tsing (2022) aponta, o progresso é uma marcha unilateral que subjuga ritmos e ciclos que não se enquadram em seu cronograma. No caso de Cabedelo, o desaparecimento de espécies, como exemplificado pela exclusão da tartaruga nos desenhos do Plano de Gestão Integrada (PGI), ilustra como a natureza é marginalizada em favor de uma paisagem mais controlada e previsível.

Essa exclusão não se restringe apenas aos não humanos, mas também atinge pescadores e outros grupos humanos que, ao longo de décadas, construíram suas vidas em torno da relação com o mar. As obras de requalificação da orla, que culminaram na destruição de construções tradicionais, simbolizam a marginalização de formas de vida incompatíveis com a modernização e o turismo. Como exemplificado no depoimento do pescador, citado anteriormente, há uma resistência palpável à imposição dessa nova paisagem urbana, que não comporta as práticas tradicionais nem os modos de vida que dependem do ambiente natural.

Portanto, a discussão sobre o impacto das infraestruturas costeiras, como o Dique de Cabedelo, não se limita à alteração da paisagem física. Ela reflete uma forma mais ampla de apagamento histórico e ecológico, na qual humanos e não humanos são

subjugados a um ritmo de desenvolvimento que visa o controle e a exploração econômica. O desafio, como Tsing (2022) sugere, é reconhecer a precariedade dessa interdependência e repensar nossas relações com o ambiente, entendendo que essas *ondas do concreto* carregam consigo configurações na paisagem muitas vezes irreversíveis para as relações multiespécies.

Ao concluir este trabalho, reconheço que, apesar das tentativas de compreender a complexidade das infraestruturas e das paisagens multiespécies no Dique de Cabedelo, há limites para prever os “efeitos ferais” dessas intervenções. Assim como discutido ao longo da pesquisa, as interações entre humanos e não humanos são moldadas por forças que escapam ao controle humano, resultando em dinâmicas imprevisíveis e caóticas (Tsing, 2021). Tais “efeitos ferais”, como exemplificado pelo sargaço na Riviera Maya (Durand, Sundberg, 2023), são evidências de como infraestruturas humanas podem gerar novas ecologias e formas de vida, muitas vezes contrárias às intenções originais.

No caso do Dique, as intervenções com concreto, voltadas para estabilizar a paisagem e impulsionar o turismo, poderão desencadear respostas ecológicas que ainda não podemos prever. O avanço do mar, o aumento de sargaços ou até o desaparecimento de espécies são possibilidades que ilustram como o conceito de controle sobre a natureza é limitado no contexto do Antropoceno. Essas dinâmicas destacam a necessidade de pensar em uma cotemporalidade, como propõe Tsing (2021), onde os ritmos e temporalidades dos humanos e não humanos se entrelaçam de formas que fogem às previsões e ao controle.

Assim, esta pesquisa se encerra com mais perguntas do que respostas definitivas. Embora a "Tríade do Antropoceno" tenha proporcionado um caminho analítico para explorar as interações entre o antropológico, o político e o ecológico, as mudanças em curso no Dique de Cabedelo permanecem em aberto, aguardando os desdobramentos futuros. Dessa forma, reafirmo a importância de uma antropologia multiespécies que continue a observar, descrever e repensar as relações entre humanos, não humanos e infraestruturas em um mundo cada vez mais moldado pelas transformações do Antropoceno.

Termino esse trabalho com um desenho meu (Figura 14), no qual retrato um dia em que estava sentado no Dique, observando o pôr do sol. Vários bichinhos – uma espécie de mosquito – pousavam sobre mim e não saíam por nada. Eu apenas continuei ali, observando com eles. Esse é um dos meus últimos desenhos no diário de campo e reflete bem a ideia que passei a partir da experiência etnográfica e que, como lembra a música

Povoada da cantora Sued Nunes: “Tenho em mim mais de muitos, sou uma mas não sou só.”

Figura 15 - Mosquitos companheiros



Fonte: Desenho do autor, 2022.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Aina Guimarães. **um convite à antropologia desenhada**. METAgraphias, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016. DOI: 10.26512/mgraph.v1i1.50. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/50>. Acesso em: 2 out. 2024.

AZEVEDO, Aina. **Diário de Campo e Diário Gráfico: contribuições do desenho à antropologia**. *Áltera: Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, 2016.

AZEVEDO, Aina; SCHROER, Sara Asu. **WEATHERING: a graphic essay**. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 177-194, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412016v13n2p177>.

CABEDELLO, Prefeitura Municipal de. **Plano de Gestão Integrada da Orla de Cabedelo – PB**. Cabedelo, 2023. 437 p.

CARDOSO, Thiago Mota. **Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica pataxó no monte pascoal**. Brasília: Mil Folhas do Ieb, 2018.

CARVALHO, Ana Cristina Figueiredo de. **Desafios na implementação do termo de adesão à gestão das praias marítimas no município de Cabedelo/PB**. 2022. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

DURAND, Leticia; SUNDBERG, Juanita. **Algas, monstruos y el final del paraíso**. In: DABEZIES, Juan Martín; ARREGUI, Aníbal G.. *Vitalidades: etnografías en los límites de lo humano*. Madrid: Nola Editores, 2022. p. 34-57.

FALCÃO, Sônia Matos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; BORGES, Utaiguara da Nóbrega. **ALTERAÇÕES NA PAISAGEM DA ORLA MARÍTIMA DE CABEDELLO EM DECORRÊNCIA DA DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DA ÁREA**. *Cadernos do Logepa*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 1-14, 20 jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/logepa/article/view/10993>. Acesso em: 06 ago. 2024.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes**. *ClimaCom Cultura Científica*, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Tradução de: Juliana Fausto.

HENRIQUE DUARTE FILHO, Francisco; OTÁVIO AGUIAR, José. **Morte à espreita: história de um turismo macabro associado à caça da baleia em Lucena - Paraíba (1970-1990): Death on the prowl: history of macabre tourism associated with whale hunting in Lucena - Paraíba (1970-1990)**. *Caminhos da História*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 51-66, 2013. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/3225>. Acesso em: 7 out. 2024.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimentos e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. Cap. 18. p. 315-324.

KIRKSEY, S. E.; HELMREICH, S.; VANDER VELDEN, F. F.; CARDOSO, T. M. A **emergência da etnografia multiespécies**. Revista de Antropologia da UFSCar, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 273–307, 2020. DOI: 10.52426/rau.v12i2.359. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/359>. Acesso em: 6 out. 2024.

KUSCHNIR, Karina. **A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas**. Cadernos de Arte e Antropologia, [S.L.], n. 52, p. 5-13, 1 out. 2016. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/cadernosaa.1095>.

MARRAS, Stelio. **Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 250-266, 2018.

OLIVEIRA, Ivan Tadeu Gomes de. **Guia de relações multiespécies na Baía de Florianópolis - SC**. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 30, n. 1, p. e179745, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe179745. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/179745>. Acesso em: 31 ago. 2024.

OLIVEIRA, Ivan Tadeu Gomes de. **Paisagens [ar]riscadas: infraestruturas daninhas, assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía da ilha de santa catarina**. 2020. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PB, G1. **Barracas da orla de Cabedelo, PB, sem autorização de funcionamento são demolidas**: demolição cumpre uma recomendação do ministério público federal (mpf) de 2019.. Demolição cumpre uma recomendação do Ministério Público Federal (MPF) de 2019.. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/24/barracas-da-orla-de-cabedelo-pb-sem-autorizacao-de-funcionamento-sao-demolidas.ghtml>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Somos da Terra**. In: AUTORES, Vários. Terra: antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/Piseagrama, 2023. Cap. 1. p. 7-17.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco. **Etnografia e questões sócio-ambientais: esboço de uma antropologia simétrica da paisagem**. Cadernos de Estudos Sociais, [S. l.], v. 23, n. 1-2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1387>. Acesso em: 5 out. 2024.

STRATHERN, Marilyn. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto? In: STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. Cap. 6. p. 191-200.

SÜSSEKIND, F. **Sobre a vida multiespécie**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S.l.], n. 69, p.159-178, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p159-178. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145638>. Acesso em: 15 mar. 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O antropoceno mais que humano**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176–191, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75732. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732>. Acesso em: 29 set. 2024.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: Ieb Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt; DEGER, Jennifer; SAXENA, Alder Keleman; ZHOU, Feifei. **Field Guide to the Patchy Anthropocene**: the new nature. Stanford, California: Stanford University Press, 2024.

TSING, Anna Lowenhaupt; MATHEWS, Andrew S.; BUBANDT, Nils. **Patchy Anthropocene**: landscape structure, multispecies history, and the retooling of anthropology. *Current Anthropology*, [S.L.], v. 60, n. 20, p. 186-197, 1 ago. 2019. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/703391>.

TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils. **Arts of Living on a Damaged Planet**: ghosts and monsters of the anthropocene. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2017.